

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO MATEMÁTICA**

Kevin Robert Dias Santos

**O CRESCIMENTO POPULACIONAL DE ALDEIA VELHA ENTRE 1998 E
2010: DESAFIOS PARA A COMUNIDADE**

**Belo Horizonte
Setembro de 2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

Kevin Robert Dias Santos

**O CRESCIMENTO POPULACIONAL DE ALDEIA VELHA ENTRE 1998 E
2010: DESAFIOS PARA A COMUNIDADE**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Teresinha Fumi Kawasaki
Coorientador: Mestre Rafael Andrés Urrego Posada

Belo Horizonte
Setembro de 2018

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pelo dom da vida, aos meus pais pelo comprometimento em me educar. A minha esposa pelo carinho, amor e confiança. E a toda comunidade indígena Pataxó Aldeia Velha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Niamisû (DEUS) que permitiu fazer esta pesquisa e por ter me guiado ao longo da minha trajetória de vida até aqui. Aos meus pais que sempre me incentivaram e deram apoio para estudar e prosseguir firme nessa caminhada acadêmica. A todos meus familiares que se fazem presentes nos momentos tristes e felizes da vida. A minha esposa pelo carinho, pelo amor e principalmente por fazer-me suportar a distância e a saudade nos períodos longe de casa. Ao curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas - Habilitação Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e a todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica durante esses anos de curso, obrigado por repartir e permitir essa troca de conhecimento, aos meus colegas de classe por todas energias positivas repassadas, pelos abraços acolhedores nos momentos que a saudade de casa era mais forte ou por qualquer outra circunstância de carência. Agradeço a oportunidade de conhecer um pouco mais da realidade de cada etnia representada por vocês da minha turma. Agradeço a todos que contribuíram indiretamente para que essa pesquisa fosse realizada e principalmente aos que contribuíram diretamente, cito aqui o meu avô Buriti, o primeiro cacique de Aldeia Velha o Ipê, além desses, o meu agradecimento especial vai para meu coorientador Rafael, por toda paciência que teve comigo, por acreditar no meu potencial, por me ajudar em todas as dificuldades encontradas para realização dessa pesquisa, enfim, obrigado pela oportunidade e privilégio de tê-lo também como amigo. Agradeço também a minha orientadora Teresinha por me ajudar a concretizar esse trabalho e por me acolher e auxiliar no momento mais crucial em relação a conclusão desse TCC. Por fim, agradeço a comunidade indígena Pataxó Aldeia Velha, por sua existência e resistência em meio as tribulações, pela satisfação de fazer parte da sua história e ser parte dela também, pois o destino disso tudo possibilitou o privilégio de realizar essa pesquisa.

RESUMO

No Brasil existem vários estudos demográficos sobre povos indígenas, porém até a data presente não se encontraram publicações sobre a dinâmica populacional Pataxó. Por isso ressalto a relevância desse tema que visa compreender e descrever o processo histórico do crescimento populacional na Aldeia Velha (período 1998 a 2010) a partir da análise dos dados divulgados por órgãos públicos e identificar os desafios desse crescimento. Nesse trabalho foi utilizada uma metodologia quali-quantitativa. Os dados quantitativos foram obtidos por meio do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) e através de algumas estatísticas descritivas se analisaram algumas características da dinâmica populacional. Realizou-se também uma extrapolação da população usando uma função exponencial para examinar como poderia ser o crescimento da aldeia até 2020 por faixa etária. Ademais foram construídas pirâmides etárias para o período 2000 a 2020. E imbricaram-se esses dados quantitativos, com dados qualitativos, bem como, narrativas autobiográficas coletadas a partir de entrevistas semiestruturadas com o ancião Buriti e o primeiro cacique (Ipê) de Aldeia Velha que, em conjunto com a experiência de vida do autor, se utilizaram para analisar os dados e possíveis desafios da comunidade. Espera-se da pesquisa, resultados demográficos relevantes que apresentarão os principais motivos do crescimento populacional na Aldeia Velha no período estudado. E através da análise dos dados do SIASI, imbricados com narrativas autobiográficas, bem como de extrapolações, busca-se um melhor entendimento desse crescimento populacional e a identificação de possíveis desafios futuros.

Palavras chave: Crescimento Populacional, Aldeia Velha, Pataxó, História demográfica

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da divisão dos municípios dos 34 distritos sanitários especiais indígenas existentes no Brasil.....	13
Figura 2: Foto de Ipê, ano 1996	16
Figura 3: Foto de Buriti, ano 2010	17
Figura 4: Mapa da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha	25
Figura 5: primeira fonte de abastecimento de água na parte da sede de Aldeia Velha (Foto do autor, 2016).....	43
Figura 6: Atrás do posto de saúde atual se encontra a direita da imagem o reservatório de água de 10 mil litros e a esquerda se encontra o reservatório de 30 mil litros. (Foto de Aline Pataxó, 2016)	44
Figura 7: Modelo da casa tradicional (frente) e modelo da casa atual (atrás) (Foto de Aline Pataxó, 2016).....	45
Figura 8: Cabana da Reserva de Aldeia Velha, local onde funcionou a escola no ano de 1998 e 1999. (Foto da Professora Alzenir, 1999).....	47
Figura 9: Farinheira de Aldeia Velha, local onde a escola funcionou de 2001 a 2003. (Foto da Professora Marialva, 2002)	47
Figura 10: No final de 2004, a escola passou a funcionar nesse local. (Foto da professora Marialva, 2004).....	48
Figura 11: Ampliação da escola em 2005, local onde a escola funcionou até 2008. (Foto da professora Marialva, 2005)	49
Figura 12: Essa escola que funcionou até 2008, é atualmente o Ponto de Cultura de Aldeia Velha. (Foto de Gabriel Gomes Santos, 2016).....	50
Figura 13: Local onde a escola passou a funcionar em 2009. (Foto da professora Marialva, 2009).....	50
Figura 14: Escola foi ampliada em 2014, com mais quatro salas; realização Prefeitura Municipal de Porto Seguro (Lateral da Escola). (Foto de Ângelo Pataxó, 2015).....	50
Figura 15: Escola atual de Aldeia Velha. (Foto de Ângelo Pataxó, 2015)	51

SUMÁRIO

1. Introdução	7
1.1 Sobre a história demográfica dos povos indígenas no Brasil.....	8
1.2 Objetivo Geral:	9
1.3 Objetivos Específicos:	9
1.4 Justificativa:.....	10
2. Metodologia.....	11
2.1 Dados.....	12
2.1.1 Dados quantitativos.....	12
2.1.2 Dados qualitativos.....	14
2.1.3 Breve biografia dos entrevistados.....	16
2.2 Sobre as Análises.....	18
2.2.1 Análise Quantitativa.....	18
2.2.2 Extrapolação: como foi feita?.....	19
2.2.3 Análise Qualitativa.....	20
3. Uma linha do tempo.....	21
3.1 O Princípio.....	21
3.2 Barra Velha: a aldeia mãe.....	21
3.3 Fogo de 51.....	22
3.4 A Retomada.....	23
3.5 De 1998 a 2000.....	26
3.5.1 Dinâmica populacional no período 2000 a 2010.....	27
3.5.2 Extrapolação do crescimento populacional no período 2010-2020.....	34
4. Impactos.....	41
5. Considerações Finais.....	52
6. Referências bibliográficas.....	54

1. Introdução

Sou Kevin Robert Dias Santos, conhecido na minha aldeia como Kamarú Pataxó. Sou nascido em Itabuna, no dia 24 de abril de 1995, minha trajetória de vida na Aldeia Velha começou no ano 2000, a partir da minha chegada nesse local. Em 2001 estudei numa escola fora da aldeia; logo após, em 2002 e 2003 estudei a 1ª e 2ª série numa turma multisseriada na farinha da comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha onde também funcionava como escola. Em 2004, fui estudar numa escola particular fora da aldeia e no ano seguinte concluí a 4ª série na escola da aldeia, dessa vez, não mais na farinha, mas em uma sala de aula construída pela FUNAI em parceria com a prefeitura de Porto Seguro. Na escola, nessa época, só funcionava o fundamental 1, e por isso a partir de 2006 só estudei fora da aldeia; em 2009, concluí o fundamental 2 na escola municipal Brigadeiro Eduardo Gomes e de 2010 a 2012 estudei o ensino médio no colégio estadual Antônio Carlos Magalhães.

No mesmo ano que concluí o ensino médio, fiz o ENEM e obtive nota suficiente para cursar enfermagem na UNEB em Salvador no ano 2013, porém por falta de apoio financeiro, desisti do curso e retornei para Aldeia Velha antes de concluir o 1º semestre. Em 2014, ao saber do vestibular do FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas – da UFMG me animei a fazer a prova, pois na minha época de escola sempre me destaquei na disciplina de matemática e por essa ser a área de habilitação do curso para o vestibular naquele ano e a possibilidade de cursar uma licenciatura intercultural, fiquei ainda mais entusiasmado para fazer a prova, mas a alegria maior foi a notícia da aprovação no vestibular. No mesmo ano, iniciou-se uma nova etapa de estudos na minha vida, e nessa caminhada, desde a chegada na Aldeia Velha até a entrada na UFMG, venho presenciando o crescimento da população, as modificações do território e os desafios enfrentados pela comunidade em que vivo.

Apesar de ter chegado muito novo na aldeia e após dois anos de sua fundação, acompanhei praticamente todos os acontecimentos que marcaram as mudanças do território e da escola de Aldeia Velha. Assim minha história de vida e a trajetória da minha família são importantes, não só para colocar por explícito o meu lugar de enunciação, mas também porque tem elementos semelhantes às histórias de vida de muitas outras famílias e jovens da minha geração em Aldeia Velha. Por estes motivos, me veio o desejo de falar sobre os desafios que a comunidade enfrentou e os que

possivelmente há de enfrentar, devido ao crescimento populacional, pois tenho em mente esse quesito como fator determinante para todos acontecimentos evolucionais que temos vivenciado em Aldeia Velha.

1.1 Sobre a história demográfica dos povos indígenas no Brasil

A demografia é o estudo de determinada população por suas diversas características como estrutura, tamanho e desenvolvimento, entre outros. No estudo demográfico analisam-se os fenômenos da mortalidade, natalidade e movimentos migratórios e tem como objetivo principal prever consequências através da compreensão dos dados obtidos de uma população¹.

A demografia dos povos indígenas no Brasil tem tido grandes esforços e avanços em abordar as dimensões da dinâmica demográfica, quer dizer mortalidade, fecundidade e migração. Porém ainda falta muito por conhecer a dinâmica populacional das mais de 200 etnias do país (PAGLIARO, AZEVEDO E SANTOS, 2005). Por exemplo, uma das lacunas na área é a falta de trabalhos sobre a dinâmica demográfica do povo Pataxó. Sendo que até a presente data só se encontraram quatro trabalhos voltados para área da saúde. O primeiro é referente ao estado nutricional dos indígenas Pataxó em cinco aldeias em Minas Gerais (MAZZETI, 2015). O segundo é uma monografia defendida no FIEI sobre o parto tradicional na aldeia Pataxó de Barra Velha (SANTOS, 2014). O terceiro trata sobre costumes e hábitos alimentares, bem como sobre as doenças mais frequentes (SANTOS *et al*, 2012). E, finalmente, há um trabalho sobre conhecimento sobre plantas dos indígenas Pataxó (CUNHA *et al*, 2012). Além desses quatro trabalhos há muitos outros sobre história e cultura do povo Pataxó que fazem alguma referência a questões demográficas, mas sem aprofundar muito no tema. Assim, essa pesquisa inicia-se com o intuito de superar a escassez de bibliografia sobre dinâmica demográfica dos Pataxó.

Segundo o Censo do IBGE de 2010, a população Pataxó, na data do censo, era de 13.588 pessoas, sendo 6.982 homens e 6.606 mulheres. Conceição (2016), em seu trabalho faz uma reflexão sobre a variação linguística na língua Patxôhã, e afirma que o povo Pataxó tem uma população de aproximadamente 15.000 indígenas, que habita

¹ Fonte: Dicionário Demográfico Multilíngue, Demopaedia Encyclopedia. Disponível em <<http://pt-ii.demopaedia.org/wiki/10>>. Acesso em 24/09/2017.

os estados da Bahia e de Minas Gerais, constituindo aproximadamente 46 aldeias. Quarenta aldeias estão no estado da Bahia e pertencem aos municípios de Porto Seguro, Prado, Cabrália e Itamaraju. Seis aldeias estão no estado de Minas Gerais, e pertencem aos municípios de Carmésia, Itapeçerica, Açucena e Araçuaí.

Neste trabalho, para o estudo sobre os impactos do crescimento populacional de Aldeia Velha, farei inicialmente uma linha do tempo que nos auxiliará na construção de uma narrativa sobre o crescimento populacional de Aldeia Velha, do princípio aos tempos atuais. Para tanto, lanço mão das palavras de duas lideranças Pataxó – Ipê e Buriti –, de minhas memórias e de dados quantitativos do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI). Com esses dados, fiz também um exercício de extrapolação do crescimento até o ano 2020.

1.2 Objetivo Geral:

Compreender e descrever o processo histórico do crescimento populacional na Aldeia Velha (período 1998 a 2010) a partir de uma narrativa autobiográfica e de dados quantitativos do SIASI. Sendo que esse crescimento resulta de uma dinâmica demográfica que envolve fecundidade, mortalidade e migração. Pretende-se também identificar os desafios e impactos decorrentes do crescimento populacional gerado por essas três variáveis.

1.3 Objetivos Específicos:

- Examinar as variáveis que determinam o crescimento da população Pataxó Aldeia Velha a partir de dados coletados do SIASI.
- Expor e analisar os desafios do crescimento populacional Pataxó Aldeia Velha sobre o sistema de educação escolar, e sobre o uso território. (Período 1998 a 2010).
- Entender o crescimento populacional de Aldeia Velha através de narrativa histórica autobiográfica.

1.4 Justificativa:

Sempre tive curiosidade e interesse em pesquisar como se deu o crescimento populacional de Aldeia Velha desde o período em que a mesma foi retomada, ou seja, 1998. Ao pensar sobre o tema que seria abordado na realização do Percorso Acadêmico – trabalho de conclusão do FIEI – decidi então pesquisar sobre esse tema e destacar outro fator relevante que seriam os desafios que esse crescimento populacional provocou na escola e no território, apontando as modificações sofridas e narrando a evolução desses dois itens de acordo com o crescimento da aldeia.

Tenho a expectativa que essa pesquisa seja de grande importância para a comunidade, pois, através dos dados obtidos, será possível ter uma compreensão melhor a respeito da dinâmica populacional de Aldeia Velha, principalmente em relação às variáveis fecundidade, mortalidade e migração. A partir daí, contar a história demográfica da aldeia por meio da imbricação de narrativas com tabelas e gráficos para representação das características da população ao longo do tempo.

Esse trabalho possivelmente poderá se constituir em uma ferramenta a mais de estudos para os professores da escola de Aldeia Velha e ser mais uma fonte de informações e dados para pesquisa de órgãos como, por exemplo, a FUNAI. A pesquisa possibilita o enriquecimento acadêmico para o FIEI (matemática) tanto por sua particularidade, mas também por envolver a matemática firmemente numa pesquisa populacional de uma comunidade. Dessa forma, poderá servir como exemplo para os futuros acadêmicos que desejarem trabalhar de alguma forma com estatística e crescimento populacional de determinada aldeia ou povo indígena.

2. Metodologia

A metodologia adotada para a realização da pesquisa foi alicerçada a partir do método quali-quantitativo que possibilita a previsão das informações referentes ao crescimento populacional na Aldeia Velha, situada no distrito de Arraial D´Ajuda, no município de Porto Seguro-BA.

Com o método de pesquisa quali-quantitativo será possível mesclar, informações demográficas com base em dados quantitativos elaborados através dos registros do SIASI, com dados qualitativos baseados em relatos históricos obtidos por meio de narrativas autobiográficas. Sendo assim, julgo interessante e inovador a junção desses dados para maior compreensão da dinâmica populacional de Aldeia Velha.

O intuito é imbricar os dados quantitativos com as narrativas autobiográficas, de modo que ambos se sustentem no sentido da análise demográfica de Aldeia Velha, salientando a especificidade da população pesquisada e a interação dos dados explicitados.

A partir de 1998, com a retomada do território começa a história contemporânea de Aldeia Velha. A presente pesquisa traz dados quantitativos do período de 2000 a 2010, uma vez que o SIASI passou a desenvolver os registros do crescimento populacional da Aldeia Velha, a partir de 2000. O período desde 1998 até 2000, devido à falta de registros quantitativos concretos, será abordado só em termos qualitativos como se verá mais à frente.

Para entender melhor a importância desse período (1998-2000), observe-se que segundo a Associação Nacional de Ação Indígena (ANAI) (1998, apud SAMPAIO, 2000) no ano de 1998 existia na Aldeia Velha 199 pessoas. Já ao realizar a consulta nos dados do SIASI é possível identificar 746 pessoas para o ano 2000, obtendo desta forma um crescimento de 275% (ou seja, 547 pessoas) para aquele período. Tornando o período entre 1998 e 2000 o mais acentuado em termos de crescimento populacional. Como não temos dados do SIASI sobre essa etapa da dinâmica populacional de Aldeia Velha, optou-se por coletar mais informações através de entrevistas para reconstruir o processo histórico e demográfico de 1998 até 2000. As entrevistas foram realizadas com o primeiro cacique Silvino Lopes do Espírito Santos (Ipê Pataxó) e a liderança Manoel Alves Meira (Buriti Pataxó) da Aldeia Velha. Essas

entrevistas foram fundamentais para compreender o crescimento populacional, por serem lideranças que possuem conhecimentos sobre o número de pessoas, das famílias, e por acompanharem de perto o desenvolvimento da aldeia ao longo do tempo.

2.1 Dados

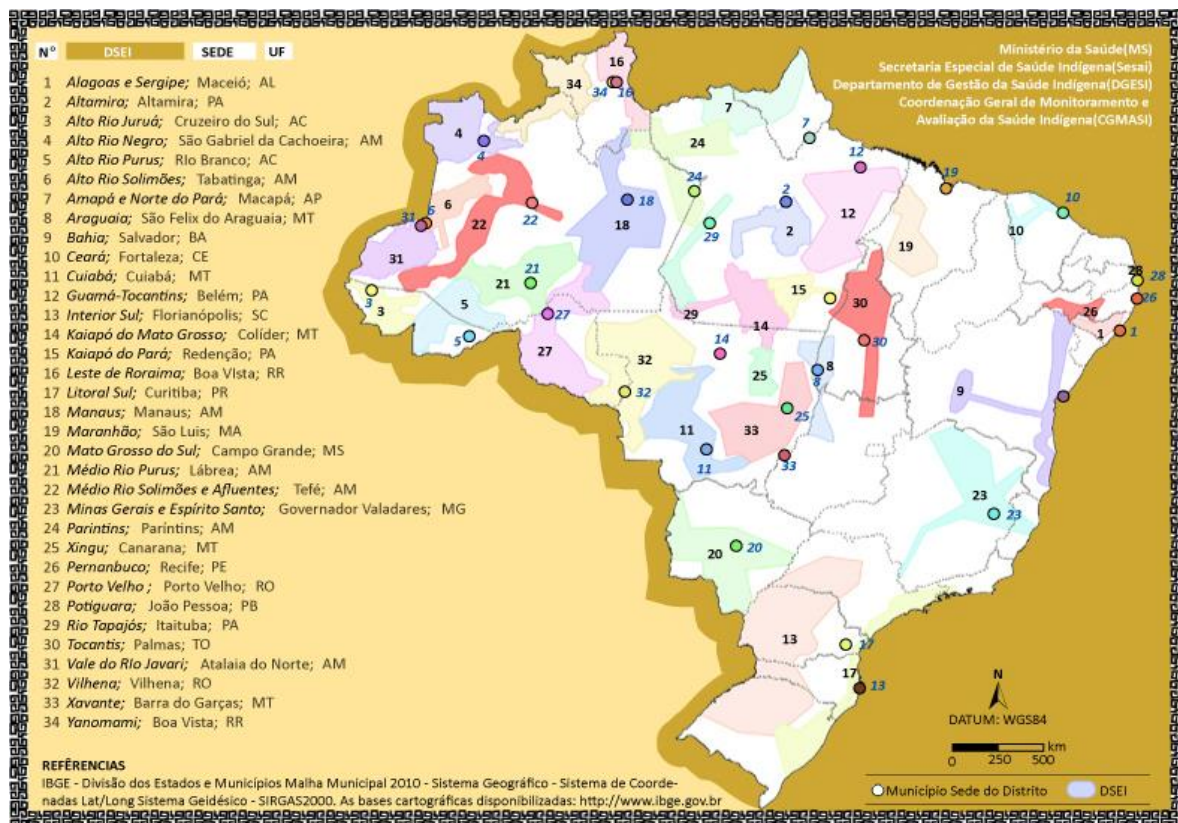
Apresento primeiramente o SIASI como fonte de pesquisa para os dados quantitativos e, em seguida, apresento o método de pesquisa qualitativa através de relatos autobiográficos.

2.1.1 Dados quantitativos

O SIASI é um banco de dados composto de dados primários vindos da atenção à saúde prestada pelas Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena (EMSI) no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS), gerenciado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), do Ministério da Saúde². Nacionalmente, o SIASI agrupa os dados epidemiológicos de 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI). Sendo que os dados deste trabalho correspondem aos do distrito 9, que fica situado na cidade Salvador-BA, conforme pode ser conferido no mapa (Figura 1). Os DSEI têm uma rede de serviços de atenção básica instalada dentro das terras indígenas, que deve ser integrada, hierarquizada e articulada com a rede do SUS. Dessa forma, os instrumentos de coleta de dados do SIASI são: Cadastro da família, formulário de consulta, prontuário, livro do Agente Indígena de Saúde (AIS), consolidado mensal das atividades, formulário de referência e contra-referência, e os relatórios de imunizações (SOUSA MC et al., 2007).

² Portal da Saúde. Disponível em <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/70-sesai/9518-siasi>>. Acesso em 25/09/2017.

Figura 1: Mapa da divisão dos municípios dos 34 distritos sanitários especiais indígenas existentes no Brasil.



Fonte: IBGE (2010).

Os dados do SIASI não se encontram disponíveis ao público através da internet, mas podem ser solicitados através da plataforma de acesso à informação. Em agosto de 2016 solicitamos –eu e meu coorientador– os dados da população indígena do município de Porto Seguro, por idade, sexo, o ano de cadastramento e pela aldeia onde moram as pessoas. Da mesma forma, solicitamos os dados sobre nascidos vivos segundo o sexo da criança e a idade da mãe. Porém, o SIASI não disponibilizou os dados nesse nível de desagregação, pelo qual disponibilizou só o total de nascidos vivos a cada ano por aldeia. Finalmente, solicitamos também informações sobre óbitos por sexo, idade e causa da morte. Sendo que nas solicitações se especificou que os dados estivessem desagregados para cada ano entre 2000 e 2016.

Os dados solicitados têm várias limitações, primeiramente observa-se que o estoque populacional fica praticamente invariável a partir de 2012. (Ver gráfico 1). Esse fato indica possivelmente que o sistema parou de registrar ou os novos registros não entraram na base de dados. Ademais, observa-se uma queda abrupta da população de 2010 para 2011. Isso poderia ser explicado somente se os registros dessas pessoas

saíram das bases de dados. Além disso, pode ter sub-registro de pessoas que não entram em contato com o sistema de saúde durante mais de um ano ou de imigrantes que ainda não foram cadastrados.

Os dados de natalidade e mortalidade também estão sujeitos a sub-registros devido a nascimentos e óbitos que acontecem fora da aldeia e que, por vezes, não são comunicados ao SIASI. No que tange à análise dos dados, se assumiram essas limitações que permitem prever que as estimativas vão ter algum tipo de erro.

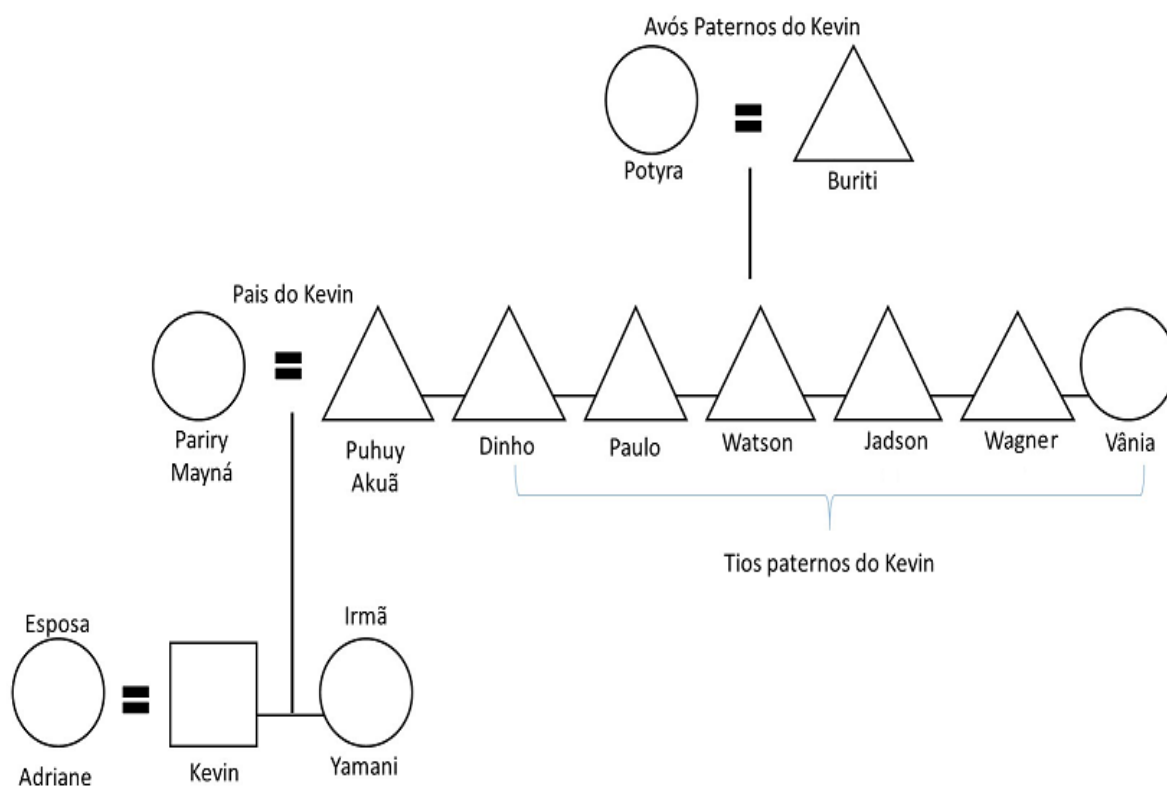
2.1.2 Dados qualitativos

Para dados qualitativos foram usadas informações obtidas por meio de entrevistas com duas lideranças a respeito da população, bem como os desafios no decorrer da história da aldeia implicado ao seu crescimento populacional. Os registros foram anotados através de entrevistas não formais, no sentido de que não foram feitas por meio de questionários elaborados, mas sim, informações adquiridas por meio de conversas informais com foco nos assuntos referentes a minha pesquisa. Dessa forma, os entrevistados se sentem mais cômodos para fazerem relatos e expressar suas opiniões. Também serão utilizados relatos a partir da minha biografia enquanto morador de Aldeia Velha e as relações de acontecimentos acompanhados pela minha trajetória na comunidade.

Minha avó paterna, Potyra, era da região de Barra Velha (uma das aldeias principais dos Pataxó), porém ainda criança foi dada por seu pai para ser criada com outra família que não era indígena e que a levou para morar em Itabuna. Nessa cidade, ela casou e teve seis filhos e uma filha. Um de seus filhos (Jadson, meu tio) foi criado com a avó na aldeia Coroa Vermelha, era costume sempre meus avós irem para Coroa Vermelha visitar os parentes, principalmente minha bisavó (mãe da minha avó). Segundo minha vó Potyra, ela fazia essas visitas junto com meu avô (Buriti) à aldeia Coroa Vermelha desde o ano de 1991 e passou a morar em determinado período nessa aldeia, foi então que em uma de suas idas à aldeia Coroa Vermelha que ficaram sabendo do processo de retomada de Aldeia Velha no início de 1998. A partir daí, começaram a participar da retomada junto com dois dos seus filhos (meus tios Wagner e Vânia). O filho mais velho da minha vó, conhecido como Dinho, é especial, por isso sempre morou com meus avós e os acompanhava para onde fossem, os demais filhos

Roberto – meu pai –, Paulo e Jadson vieram para Aldeia Velha somente após a retomada. O meu tio Watson em uma das visitas com meus avós para Coroa Vermelha, gostou do lugar e ficou morando lá por alguns anos, se casou e teve dois filhos no seu primeiro casamento nessa aldeia, depois casou-se novamente e foi morar em Florianópolis e teve mais um filho do seu segundo casamento. Sou filho primogênito de pais presentes no movimento indígena Pataxó – Roberto e Marialva – desde nossa chegada em Aldeia Velha no ano 2000. Esse movimento busca o fortalecimento da educação escolar indígena diferenciada, específica, bilíngue, do fortalecimento cultural e dos direitos indígenas, sendo meu dever seguir o exemplo e dar continuidade a essa luta dos meus pais que foram um dos primeiros professores de Aldeia Velha. Assim, minha família participou ativamente da construção da história de Aldeia Velha, da luta pelo território e da dinâmica demográfica, contribuindo nos processos de migração, casamentos e nascimentos.

Árvore genealógica da família do Kevin na aldeia velha



2.1.3 Breve biografia dos entrevistados

Silvino Lopes do Espírito Santo, mais conhecido como **Ipê Pataxó**, nasceu no dia 05 de Janeiro de 1955 nas margens do rio do Norte, próximo a Barra Velha, sendo esse, um dos rios que deságuam no rio Caraíva. Foi criado dentro da mata e se alimentava de peixe e caças como paca, tatú, entre outros. Dificilmente fazia visitas ao distrito Caraíva; fazia-os apenas para sepultar seus mortos. O local onde Ipê morou até os dezoito anos de idade era povoado por índios que tinham suas casas espalhadas pela mata, porém, tiveram que sair desse lugar por conta das ameaças dos fazendeiros. Dessa forma, ele foi junto com seus pais morar em Arraial D’ajuda e permaneceu ali por aproximadamente dois anos, mudando-se em seguida para Itabela – BA, local onde constituiu uma família. Após 15 anos morando ali, veio com sua família morar na aldeia Coroa Vermelha, lá se tornou uma liderança que lutava constantemente em conjunto com o cacique naquela época e as demais lideranças no objetivo de demarcar o território Indígena Coroa Vermelha. Após isso, começou novamente a reunir os índios não aldeados para retomar o território indígena Pataxó Aldeia Velha. No início de 1993, houve a primeira tentativa que não foi concretizada com sucesso, mas no primeiro semestre de 1998 a antiga fazenda Santo Amaro foi ocupada definitivamente por Ipê e seu grupo de índios. Ipê foi portanto, o primeiro cacique de Aldeia Velha e é considerado a figura mais emblemática no resultado dessa conquista, pois seu espírito de liderança e a sua coragem lhe proporcionaram o alcance de seus objetivos. Atualmente, Ipê ainda mora na Aldeia Velha, é divorciado, tem 10 filhos e 15 netos. Sua história de vida é inspiração para novas gerações continuarem lutando pela causa indígena e reivindicando sempre nossos direitos.



Figura 2: Foto de Ipê, ano 1996

Manoel Alves Meira (**Buriti Pataxó**), nascido em 21 de agosto de 1951 na região de Santa Cruz da Vitória, próximo a Itajú do Colônia; naquela época a terra em que nasceu ainda não era reconhecida como terra indígena, apesar disso, essa região era habitada pelo povo da etnia Bainá e atualmente parte desse local é terra indígena dos Pataxó hãhãhãe. Desde os sete anos de idade aprendeu com seu pai a caçar, a fazer armadilhas e a trabalhar na roça cultivando principalmente os alimentos como milho, feijão, mandioca, abóbora, batatas, etc. Sua vida era bem humilde, pois, como morava distante da cidade e a condição financeira era pequena, não tinha costume nem de fazer o uso de sapato e até suas sandálias eram improvisadas. Por conta da distância de sua moradia até a cidade, não tinha acesso a consulta médica, sendo tratado qualquer tipo de doença com os remédios caseiros tradicionais através das ervas e plantas medicinais. Sua família toda foi dispersa para diversos lugares diferentes por causa das muitas ameaças dos fazendeiros daquela região. Por isso, após viver boa parte da sua vida naquele local, aos 23 anos mudou-se para a cidade Itabuna e lá, no ano de 1975, casou-se com a índia Potyra (minha avó). Alguns anos depois, foi morar na aldeia Coroa Vermelha. Em 1998, ele, sua esposa e mais dois dos seus filhos participaram da retomada do território indígena Pataxó Aldeia Velha e mora nessa comunidade até hoje. Pelo motivo de ter casado com uma índia Pataxó, Buriti aderiu aos costumes desse povo que são muito semelhantes com a sua etnia de origem, a etnia Bainá, e por isso atualmente se auto reconhece como Pataxó sendo aceito e apoiado pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI.



Figura 3: Foto de Buriti, ano 2010

2.2 Sobre as Análises

Os resultados deste trabalho serão obtidos por meio das análises quantitativa e qualitativa, conforme é explicitado abaixo.

2.2.1 Análise Quantitativa

A pesquisa quantitativa será indispensável, uma vez que se busca descobrir o crescimento populacional da Aldeia Velha, assim, a pesquisa quantitativa vai possibilitar e contribuir para a identificação dos resultados, conforme apresentado por Fonseca (2002, p. 20):

Os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise dos dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre as variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa com a quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Cabe aqui salientar, que não irei trabalhar com amostras de acordo com a citação acima, mas sim com os registros do SIASI.

Zanella (2009, p. 77), diz que:

A pesquisa quantitativa é aquela que se caracteriza pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta como tratamento dos dados, e que tem como finalidade medir relações entre as variáveis (...). É apropriada para medir tanto opiniões como atitudes.

Os resultados serão apresentados em forma de tabelas, pirâmides etárias, gráfico de crescimento demográfico e migrações, bem como fazer extrapolações por faixas etárias para o ano de 2020. Nas tabelas se colocará o registro por sexo e idade das pessoas da Comunidade Indígena Aldeia Velha. Já o gráfico de crescimento demográfico apresenta o aumento da população. No entanto, a pirâmide etária é um gráfico que apresenta a distribuição da população por sexo e grupo etário.

Os componentes fecundidade e mortalidade serão analisados a partir dos dados disponibilizados pelo SIASI, sem desconsiderar que esses dados têm sub-registro tanto dos óbitos quanto dos nascimentos. Para análise da migração, será usado um

método indireto de inferência, o qual considera que as pessoas que saíram da base de dados, e das quais não se têm constância do óbito, provavelmente emigraram. No entanto, vale a pena esclarecer que este método tem limitações devido ao sub-registro de óbitos, o qual implicaria que as estimativas de emigração estariam infladas. Além disso, o fato das pessoas sair da base de dados nem sempre implica que a pessoa emigrou da aldeia. Porém ainda assim, mas do que uma estimativa exata dos emigrantes, espero com isso poder perceber alguma possível tendência migratória, que pode ser contrastada com os depoimentos dos entrevistados.

2.2.2 Extrapolações: como foi feita?

Antes de citar o cálculo utilizado para taxas de crescimento populacional, convém esclarecer o conceito de taxa. Na demografia, as taxas geralmente são o que na estatística se conhece como, taxas de ocorrência ou de exposição. Assim as taxas demográficas são indicadores da frequência de eventos que acontecem numa população. Basicamente a taxa é o quociente, onde o numerador é o número de ocorrências de um evento demográfico (como o nascimento ou a morte por exemplo), e o denominador é a quantidade de pessoas-anos de exposição ao risco de ocorrência (PRESTON et al, 2001). Nas palavras de Cerqueira, C.A. e Givisiez, G.H.N.

Taxa: de modo geral, a taxa é usada para representar a magnitude de um evento demográfico em uma determinada população ou parte dela, em um certo período de tempo, como no caso da taxa de mortalidade. As taxas podem representar ainda outras operações, de diferentes graus de complexidade, como a taxa de crescimento populacional. (CERQUEIRA E GIVISIEZ, 2004 P. 17)

As taxas de crescimento serão dadas pela seguinte fórmula:

$$r = \frac{1}{t} \ln \left(\frac{K_t}{K_o} \right)$$

Onde r é a taxa de crescimento; t é o intervalo de tempo entre a população inicial e a população final; \ln é a função do logaritmo natural; K_t é a população final; e, K_o é a população inicial. Para as extrapolações será usada a função exponencial para definir o crescimento da população usando a seguinte fórmula:

$$K_{(t)} = (K_o)e^{rt}$$

Na qual e é um número irracional aproximadamente igual a 2,718281828459045... chamado de número de Euler.

Primeiramente usaram-se as informações do SIASI sobre o estoque populacional de 2000, e 2010 com o intuito de calcular as taxas de crescimento por grupo etário em cada quinquênio. Logo após, foram feitas as extrapolações da população de 2015 e 2020 por sexo e grupo etário, através do cálculo de crescimento exponencial.

2.2.3 Análise Qualitativa

Com a narrativa autobiográfica é possível recordar os fatos ocorridos, selecionarmos e colocá-los em sequências de acontecimentos responsáveis pela construção da vida individual, coletiva e social, articulando assim, recordações com grande significado e importância pessoal que permitem misturar presente, passado e futuro. As experiências vividas estarão inseridas no contexto social, histórico e cultural, podendo ser compreendidas por meio da realidade particular do espaço e tempo que se encontra a narrativa, sendo essa, expressadas do ponto de vista de uma situação específica escrita por quem a viveu. Ademais, o processo de investigação para estruturar as lembranças de determinado período histórico acontece através da relação entre pesquisador e entrevistado na qual ambos fazem parte da construção da história vivida (ABRAHÃO, 2009).

Por esta razão, conclui-se que, o método autobiográfico permite representar situações vividas que trazem interpretações peculiares do lugar de enunciação, podendo assim, ser compreendida na relação e contexto social, histórico e cultural da narrativa. Portanto não cabe aqui comprovar ou julgar como verdadeiro ou falso algo que foi revelado a partir de circunstâncias presenciadas por quem a viveu e não por quem vive em outra realidade fora desse contexto que será apresentado nas narrativas.

3. Uma linha do tempo

Neste capítulo descrevo sucintamente a história do povo Pataxó para depois dar início a história contemporânea de Aldeia Velha. Apresento em forma de linha do tempo os resultados deste trabalho

3.1 O Princípio

O cenário hoje nos aponta 46 aldeias Pataxó nos Estados de Minas e da Bahia. No entanto, Paraíso, (1994) acena que na chegada dos colonizadores, os Pataxó não tinham um território limitado, não havendo até então aldeias pataxó, pois os mesmos viviam com uma alta mobilidade espacial e, em tese, tinham acesso por onde quer que andasse; ou seja, eram donos legítimos do território brasileiro.

O aldeamento se dá em um contexto histórico que está por trás de todas as aldeias Pataxó existentes nos dias de hoje. Duas datas marcantes explicam o surgimento da primeira aldeia Pataxó e das demais.

Desde o século XVI até os finais do século XIX, os Pataxó passaram por intensa opressão e massacre por parte dos imigrantes de outros países, principalmente de Portugal. Os colonizadores queriam a todo custo se apossar das terras indígenas e das suas riquezas naturais através da extração do ouro, madeira e implementação de fazendas para cultivo do café, e cacau, dentre outros. Sendo assim, os colonizadores visavam sempre o enriquecimento próprio e o lucro em cima do território, invadido com muita repressão aos nativos índios Pataxó, que no caso, foram os primeiros a terem contato com a civilização portuguesa (SAMPAIO, 2000).

3.2 Barra Velha: a aldeia mãe

Apesar de tentarem exterminar a população indígena Pataxó, infectando-os com lepra e varíola, contudo, sem êxito total, muitos dos sobreviventes Pataxó viviam junto às vilas coloniais costeiras, desde Santa Cruz Cabrália a Mucuri, e existia sempre a tentativa de submetê-los ao trabalho escravo por parte fazendeiros. (Sampaio, 2000). A partir daí os conflitos se tornaram mais constantes entre estes e os índios que reivindicavam direitos sobre a terra que ocupavam. Por essa razão, 1861 é a primeira

data marcante que explica o surgimento de aldeias Pataxó. A fim de amenizar tais conflitos, nesse ano, o Presidente da Província da Bahia Antônio da Costa Pinto, na época, decretou que todos indígenas da região fossem obrigatoriamente concentrados numa única aldeia; como dito antes, os Pataxó eram nômades, e essa característica foi se perdendo ao longo dos anos por conta das imposições dos colonizadores e posteriormente do governo brasileiro, sendo a intenção desses tomar posse das terras dos indígenas, os aprisionando de certa forma nos limites territoriais de uma aldeia. Aldeia que é conhecida atualmente com Barra Velha, e que foi oficialmente a primeira aldeia Pataxó, considerada a aldeia mãe, pois as demais são advindas dessa (Sampaio, 2000)

Relatos de Carvalho (2009) e Paraíso (1994) dizem que em Barra Velha conviveram não apenas índios Pataxó, mas também Maxakali e Botocudo. Vale ressaltar que apesar da imposição do governo para abrigar todos índios numa região isolada para serem esquecidos e ficarem à margem da sociedade, provavelmente nem todos indígenas ficaram confinados naquela região. Por isso, apesar da maioria dos índios estarem concentrados em Barra Velha, ainda assim, é plausível que muitos outros ficaram espalhados e desaldeados.

3.3 Fogos de 51

A segunda data marcante é o ano de 1951, ano em que aconteceu um evento que ficou conhecido como “fogo de 51”, uma trágica história que ficou marcada na memória do povo Pataxó. Resumindo, dois homens não índios chegaram na aldeia Barra Velha e usando o pretexto de conceder aos índios o direito a suas terras, estimularam alguns indígenas a saquearem um pequeno comércio no povoado vizinho. A partir dessa tragédia, os índios foram submetidos a um intenso massacre e muita violência por parte da polícia do Estado: mataram muitos índios, queimaram suas casas, estupraram mulheres, entre outras diversas atrocidades. Houve grande dispersão nesse período, muitos fugiram com medo e mesmo depois do ocorrido não quiseram retornar à aldeia (GRÜNEWALD, 1999). Por causa dessa segunda data marcante, vem a explicação do surgimento das demais aldeias que foram formadas justamente por esses índios que dispersaram de Barra Velha e outros que não foram aldeados nessa primeira aldeia, mas que tinham familiares que foram obrigados de

início a ficarem confinados na aldeia mãe. Por isso, para comprovação étnica indígena Pataxó, é necessário ter raízes familiares dos indígenas que viveram ou vivem em Barra Velha. Segundo Carvalho:

“Na década de 70, além de Barra Velha, havia, à época, as aldeias de Águas Belas, Pé-da-Pedra (ou Pé-do-Monte), Imbiriba e Comuruxatiba. Mediante meticuloso recenseamento, registrei a presença de 599 habitantes no que eu denominei área do PNMP, 401 dos quais residiam em Barra Velha (206 homens e 195 mulheres), enquanto 198 (109 homens e 89 mulheres) no entorno. Um segundo censo, realizado seis meses depois desse inicial, registrou uma população de 666 indivíduos (CARVALHO, 1977). Sabia-se, ademais, que significativo contingente de índios estava disperso pela região.” (Carvalho 2009 p.510).

Como dito inicialmente, apesar da maioria das aldeias Pataxó estarem localizadas no Estado da Bahia, existem também aldeias Pataxó no Estado de Minas Gerais e, para entendermos melhor a existência dessas aldeias nesse Estado, voltamos nos anos 70, década na qual foi criado um posto da Funai em Barra Velha e a sede da delegacia regional da Funai era em Governador Valadares no Estado de Minas Gerais. Por isso os Pataxó da Bahia passaram a frequentar essa cidade, em Minas, até ser criada uma nova sede em Eunápolis, Bahia, nos anos 80. Sem dar mais detalhes, foi basicamente esse fato que determinou a ida definitiva de algumas famílias indígenas Pataxó para residirem no Estado de Minas Gerais (GRÜNEWALD, 1999).

Apesar de ter muitas aldeias pataxó atualmente, quero salientar que cada aldeia tem sua história e especificidade, o surgimento dessas aldeias é fruto da resistência Pataxó, das retomadas dos territórios dos quais foram expulsos outrora e das muitas lutas através das reivindicações pelo direito à terra definido no primeiro parágrafo do artigo 231 da Constituição Federal do Brasil:

“São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessárias a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições” (Constituição Federal, capítulo VIII).

3.4 A Retomada

A partir de 1998, com a retomada do território começa a história contemporânea de Aldeia Velha. Segundo o cacique Ipê, a retomada ocorreu na parte baixa da aldeia³, à margem do mangue em meados de março de 1998. Ao final daquele ano, as

³ Essa parte da aldeia está marcado com uma estrela vermelha no mapa (Fig.4)

dezesseis famílias que participaram diretamente da retomada junto com ele ocuparam a mata, ou seja, a reserva da aldeia, e continuaram ali até a madrugada do dia 25 de outubro de 1999. Nesse dia, todos caminharam por trilhas na mata e atravessaram cerca de 8 km de brejos e alagamentos até chegar à parte baixa da aldeia e finalmente ocupar a sede da antiga fazenda, conhecida também como parte alta ou sede da aldeia, concluindo definitivamente toda a retomada do território. Para entender melhor o território de Aldeia Velha, confira o mapa abaixo:

Figura 4: Mapa da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha

LEGENDA

- A - Entrada da Reserva
- A' - Entrada da Aldeia
- B - Trilha da Jundiba
- C - Trilha do Paty
- D - Rua Encontro dos Pataxó
- E - Rua Kijetxawê
- F - Rua do Sossego
- G - Rua Ipê
- H - Rua Paraíso dos Pataxó
- I - Rua Canto dos Pássaros

**Primeiras famílias da reserva
Aldeia Velha:**

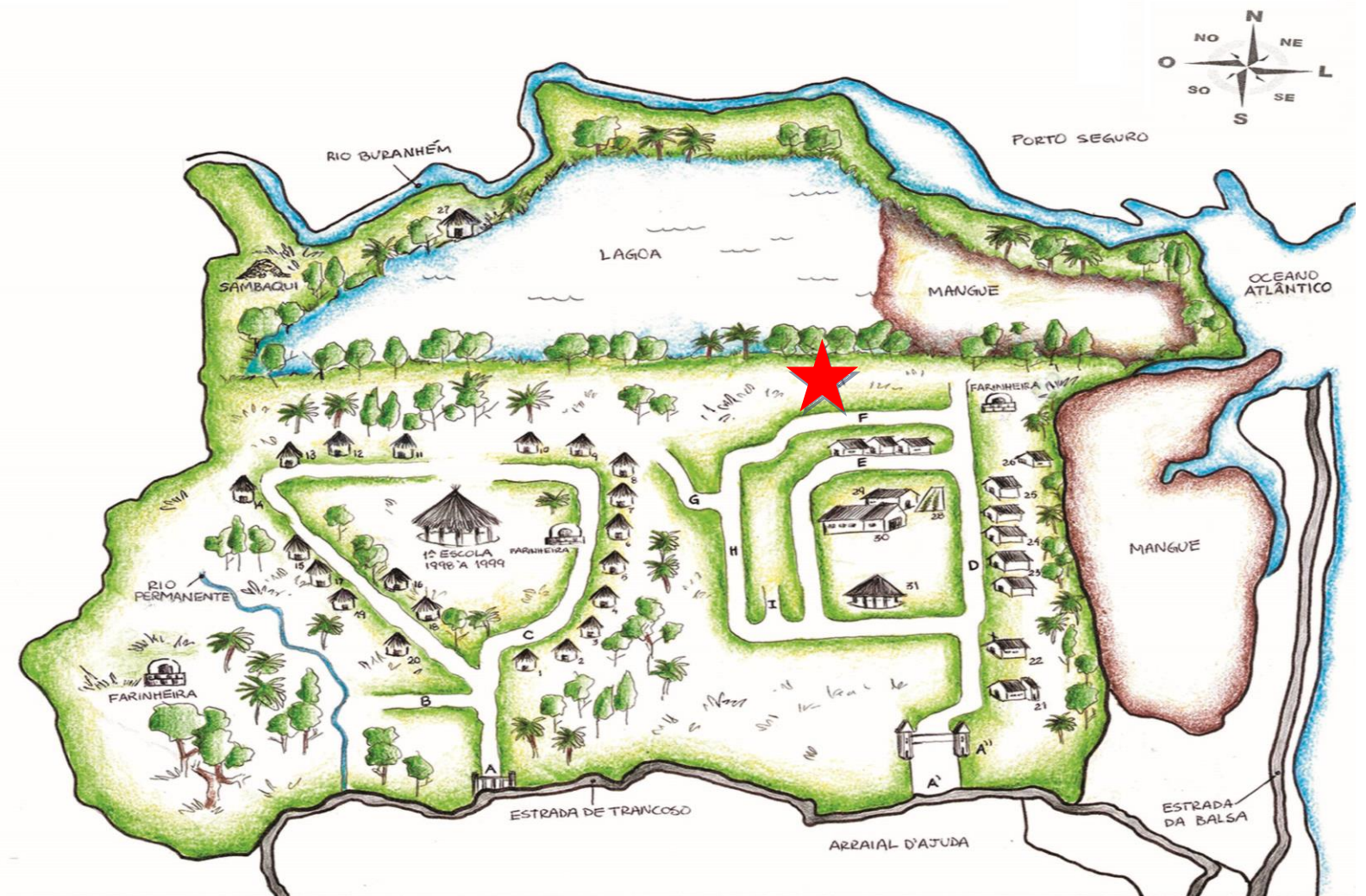
- 1 - Casa da Sra. Amélia
- 2 - Casa de Aruito
- 3 - Casa de Mangangá
- 4 - Casa do Sr. Julio e Sra. Esmeralda
- 5 - Casa de Adelaide
- 6 - Casa do Sr. Pedro pai de Aruanã
- 7 - Casa de José Eugenio
- 8 - Casa de Gil da Amargosa
- 9 - Casa de Bastiana
- 10 - Casa de Ipê (ex. Cacique)
- 11 - Casa da Sra. Maria Nobre
- 12 - Casa de Manoel Rosa
- 13 - Casa do Sr. Bergue e Sra. Nair
- 14 - Casa de Jaçanã (pajé)
- 15 - Casa do Sr. Adailton e Sra. Francisca
- 16 - Casa de Vital
- 17 - Casa de Antonio de Lira
- 18 - Casa de Pedro Borge
- 19 - Casa do Sr. Evaristo
- 20 - Casa de Maria Amargosa

Sede da aldeia velha:

- 21 - Igreja Evangélica
- 22 - Igreja Católica
- 23 - Residências
- 24 - Casa do ex cacique Ipê (sede da 2ª escola - 2000 a 2001)
- 25 - Casa da pajé Jaçanã
- 26 - Posto de saúde

FARINHEIRA e 3ª escola (2001 a 2003)

- 27 - Casa de Dió
- 28 - Horta escolar projeto+educação - 2014
- 29 - Ponto de cultura (4ª escola - 2004 a 2008)
- 30 - Escola (2009 a 2015)
- 31 - Centro Cultural



Fonte: (GUEDES; SANTOS; ESPÍRITO SANTO, 2015)

A ANAI havia quantificado 199 pessoas na Aldeia Velha para o ano de 1998 e, em uma conversa com o cacique Ipê, lhe questionei se esse número de pessoas realmente condizia com o número de famílias (16), já que nesse caso, haveria grande quantidade de pessoas por família (mais de doze). Ipê explica que, além das dezesseis famílias que participaram diretamente da retomada, houve também a participação indireta de outras famílias que não permaneceram desde o início até o final nos locais de retomada, mas que, em determinado período, vinham, davam algum suporte e voltavam. Olhando por esse lado, Ipê contabilizou outras famílias que lembrou no momento da conversa, totalizando 28 famílias em 1998 que participaram direta e indiretamente da retomada, concordando dessa forma com a quantidade de pessoas naquele ano de acordo com ANAI. O próprio Ipê declarou em 1997 que ele mesmo fez a “pesquisa” das famílias indígenas que moravam na fazenda antes dos brancos, contou trinta e cinco famílias (ou duzentas e trinta e duas pessoas) de “índios desaldeados” (GRÜNEWALD, 1999).

3.5 De 1998 a 2000

Fazendo comparação com a referência da ANAI (199) sobre a quantidade de pessoas em 1998 e a quantidade de pessoas em 2000 de acordo com os dados do SIASI (746), indaguei ao Ipê o porquê desse crescimento tão elevado em apenas dois anos após a retomada e se o mesmo podia confirmar a veracidade dessas informações de acordo com a sua experiência na comunidade. Ipê concordou com os dados e explicou que houve realmente um aumento significativo da população nesse período. Isso ocorreu justamente por causa da chegada dos parentes das famílias que participaram da retomada para morarem também na aldeia. Eu mesmo sou exemplo disso, pois meus avós participaram da retomada e os meus pais juntamente comigo e minha irmã viemos morar na Aldeia Velha no ano 2000. Além disso, o cacique explicou que era orientado pelos órgãos competentes como a FUNAI que, para assegurar a permanência dos indígenas no território e evitar uma possível reintegração de posse, era necessário ter uma quantidade expressiva de indígenas residentes na aldeia. Por isso, houve esse alto crescimento da população, pois outros indígenas de outras aldeias foram influenciados a virem morar em Aldeia Velha.

Aprofundando ainda mais sobre o crescimento populacional no período de 1998 a 2000, foi feita a mesma indagação para o Buriti em relação a comparação de informação populacional da ANAI e SIASI. Segundo o Buriti:

“olha! na minha visão eu como morador daqui, eu não tô bem assim, não tô bem de acordo com esse número, é... em relação os dois órgãos (ANAI e SIASI) que forneceram essa informação, eu acho que pra em 98 ter esse total de pessoas (199 de acordo com a ANAI), cento e pouca, pra no ano 2000 já ter setecentas e tantas pessoas (746 de acordo com a SIASI), eu acho que passou do número exato, creio que não tinha esse total, tinha menos, mas mesmo assim, é... a gente pode dizer que o crescimento se deu por motivo de pessoas, parentes dos que já tavam, alguns vieram também pra aldeia dentro desse período, pessoas que moravam fora passaram a morar dentro da aldeia, um irmão e tal, de pessoas que já morava aqui dentro, outros já teve filho também que já eram rapazes, filhas moças e se casaram, conseguiram arrumar maridos, esposas e tal, e com isso aí, certamente desordenou um pouco o crescimento da aldeia, e além do mais também, o cacique na época facilitou um pouco no trabalho, abriu mão e deixou entrar muita gente assim, desordenadamente, que era pra ter um controle inclusive de chegada de pessoas pra morar na aldeia, mas facilitaram um pouco e isso foi a causa de ter crescido esse número desordenado nesse período.” (Excerto da entrevista realizada com Buriti, 2017)

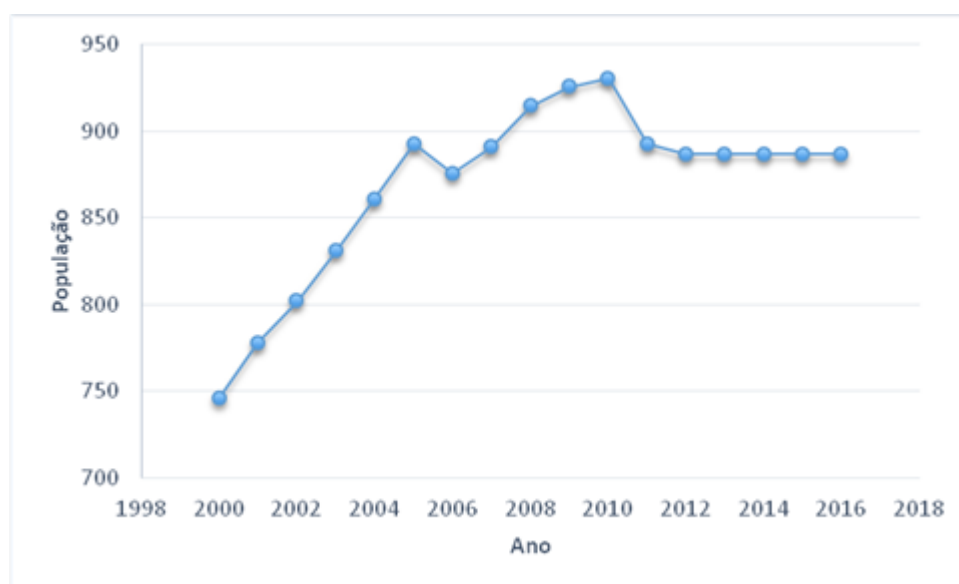
Após a retomada foram chegando vários parentes das famílias que participaram da retomada, vieram familiares de diversos lugares desde outras aldeias até povoados, distritos e cidades vizinhas de Porto Seguro. Como a retomada foi realizada com índios em sua maioria desaldeados, assim também era o perfil da maioria das pessoas que vieram para Aldeia Velha. A maior parte das famílias que chegavam na aldeia eram casais jovens com filhos pequenos, sendo formado portanto, uma população jovem, podendo essa característica ser confirmada através da pirâmide etária do ano 2000 exposta mais adiante. A principal motivação dos imigrantes era receber um terreno para construir moradia e ter terra fértil para fazer plantio. Ademais, para aqueles que eram desaldeados, migrar para Aldeia Velha trazia a oportunidade de reavivar e fortalecer os costumes e tradições Pataxó deixados por seus antepassados.

3.5.1 Dinâmicas populacional no período 2000 a 2010

Conforme os dados do SIASI, no gráfico 1, pode-se apreciar um crescimento contínuo da população entre 2000 e 2010, com um leve declínio entre 2005 para 2006, e posteriormente com uma tendência quase invariável após 2010. Para tentar verificar a qualidade dos dados se usou o censo do IBGE de 2010, no qual se reporta um estoque de 928 pessoas e 223 casas na aldeia. Esse valor é quase idêntico ao reporte

da SIASI de 931 pessoas para o mesmo ano. Portanto se inferiu que, provavelmente, os dados refletem melhor a população entre 2000 e 2010 do que entre 2010 e 2016. Assim para evitar vieses nas estimativas se colocou como foco de análise o período de 2000 a 2010.

Gráfico 1 Estoque da população de Aldeia Velha, 2000 - 2016



Fonte: Elaboração própria do gráfico a partir dos dados da SIASI

A tabela 1 indica os óbitos por ano, sexo, idade e causa da morte até o ano 2010, tendo ocorrido 17 mortes nesse período sendo 14 homens e 3 mulheres o que indica que morrem mais homens que mulheres, podemos analisar também que a maioria das mortes foram relacionadas a insuficiência respiratória e apenas uma morte de recém-nascido. Ademais entre as 17 mortes apareceram sete sem uma causa precisa, o qual pode indicar que esses casos não receberam assistência medica adequada.

Tabela 1 - Óbitos em Aldeia Velha, município de Porto Seguro, segundo o sexo, a idade e a causa da morte no período 2000 a 2010.

Ano do óbito	Sexo	Idade	Causa do Óbito
2002	F	37	Parada cardíaca com ressuscitação bem sucedida
2003	M	23	Insuficiência respiratória não classificada de outra parte
2005	M	26	Infarto agudo do miocárdio não especificado
2005	M	35	Insuficiência respiratória não especificada
2005	M	81	Morte sem assistência
2006	F	28	Hematúria redicivante e persistente – não especificada

2006	M	0	Insuficiência respiratória do recém-nascido
2006	M	94	Septicemia não especificada
2007	M	34	Doença renal em estágio final
2007	M	76	Leptospirose
2008	M	15	Projétil de revólver
2008	M	45	Infarto agudo do miocárdio
2008	M	73	Neoplasia maligna do esôfago
2009	M	17	Meningite bacteriana não especificada
2009	M	84	Insuficiência respiratória crônica
2010	F	85	Diabetes mellitus não especificado
2010	M	30	Projétil de revólver

Fonte: SIASI, 2016

Considerando o termo saúde e mortalidade, no contexto indígena, destaco que a experiência com o sistema de saúde do governo contribuiu no sentido da prevenção e tratamento de doenças como câncer, diabetes, hipertensão, entre outros que não eram comuns em décadas anteriores. Apesar de recorrer à assistência médica do governo quando necessário, ainda assim, muitos dos indígenas buscam primeiro a cura para determinada doença nos remédios tradicionais feitos pelos mais velhos da aldeia. Cito aqui duas das principais detentoras do conhecimento das plantas medicinais utilizado para remédios caseiros, a Pajé Jaçanã que mora ao lado do Posto de Saúde ⁴da Aldeia Velha e a dona Esmeralda que também participou da retomada do território.

No entanto, penso que uma das possíveis causas dessas doenças são as mudanças dos hábitos alimentares natural e tradicional dos indígenas pelo consumo de alimentos industrializados, considero então esse item como o principal precursor das mortes. Além desses problemas de saúde citado acima, o alcoolismo é também uma grande problemática que vem afetando a saúde de muitos indígenas na aldeia, principalmente na população masculina, inclusive, recordo de duas mortes neste período causado por cirrose, doença que está ligada ao consumo em excesso de bebidas alcoólicas. Essas mortes não constam na tabela 1, portanto evidencia um sub-registro. E no período de 2011 a 2018 houve mais duas mortes por esse mesmo motivo. Sendo que essas mortes não foram documentadas pelo SIASI (ver Tabela 1), se infere então que tem sub-registro da mortalidade.

⁴ Foi construído pela FUNAI em 2000. O posto de saúde exerce funções fundamentais da atenção básica de saúde. Para atender as demandas de saúde da comunidade, o posto atualmente conta com uma médica, uma enfermeira, três técnicas de enfermagem, um dentista, um auxiliar de dentista, e duas agentes de saúde.

Relembro aqui, a morte marcante de um índio que morreu por infarto após participar de um barreio de uma casa, pessoas presentes no local, disseram que ele começou a passar mal depois de comer carne de porco e ter ido tomar banho. Nesse mesmo período houve o falecimento da índia conhecida como dona Dió, sua morte causou muita comoção, pois essa índia é considerada a moradora mais velha de Aldeia Velha, morou na parte baixa da aldeia por mais de 40 anos. Segundo seus familiares. Ela não se intimidava com a posse da terra nas mãos do fazendeiro, além disso, ela também fornecia informações importantes sobre o território desde quando o mesmo passou a ser estudado para a realização da retomada da terra.

Por outro lado, na análise da dinâmica populacional é importante considerar a natalidade. Na tabela 2 temos apenas o número de nascidos vivos registrados em Aldeia Velha para cada ano de 2000 a 2010, tendo um total de 277 nascimentos nesse período. É possível notar que no ano 2005 ocorreu o maior número de nascimentos sendo 33 e em 2010 houve o menor número de nascimento sendo 17. Através desses dados compreende-se que a média aproximada é de 25 nascimentos por ano.

Tabela 2 - Nascidos vivos em Aldeia Velha, Município de Porto Seguro, segundo o ano do nascimento

Ano do nascimento	Total
2000	22
2001	32
2002	23
2003	30
2004	27
2005	33
2006	25
2007	29
2008	20
2009	19
2010	17
Total de nascimentos	277

Fonte: SIASI, 2016

Uma característica marcante e histórica do povo Pataxó é que os jovens casam-se muito novos e conseqüentemente tem filhos muito cedo, tornando-se assim, numa população jovem. Porém, na maioria dos casos, o casamento é conseqüência dos filhos virem antes do matrimônio. Por isso, a maioria dos casamentos acontece de

acordo com a tradição Pataxó, sendo mais escasso as uniões matrimoniais pela religião cristã.

Ainda em relação aos matrimônios, destaco que além das uniões que ocorrem entre os indígenas da aldeia, há também muitos casos de casamentos na qual os indígenas de Aldeia Velha se relacionam com os não índios, ou bem como, indígenas de outra aldeia. Quando acontecem esses tipos de casamentos, em alguns casos a pessoa migra para fora da aldeia, porém o mais habitual é trazer o cônjuge para aldeia.

Antigamente as mulheres Pataxó tinham muitos filhos, mas essa característica veio se perdendo ao longo do tempo. Possivelmente, por conta do contínuo contato com a cultura não indígena, algumas particularidades foram sendo modificadas e por isso atualmente é cada vez menor o número de casamentos precoces e a média de filhos por casal. Isso acontece também por causa de muitos jovens da geração atual estarem focados numa formação acadêmica para obter uma carreira profissional bem sucedida, e uma estabilidade financeira melhor, para depois casarem e terem filhos.

Evidencio que até a presente data, não houve nenhum caso de mortalidade materna na Aldeia Velha, e a maioria das mães mantém-se durante a gestação e após o parto um estado de saúde estável. Apesar da maioria dessas mães terem acompanhamento médico na gravidez, muitas delas optam pelos cuidados da Pajé e parteira Jaçanã, sendo comum e ainda mantida a tradição dos partos ocorrerem em casa, pois muitas mães temem os maus tratos e descaso recorrente nos hospitais. Assim como as mães, a maioria dos recém-nascidos também são saudáveis, tendo até então, apenas uma mortalidade infantil (ver Tabela 1) e dois casos de crianças com microcefalia.

Finalmente sobre a migração, pode-se dizer que existem muitas dificuldades metodológicas para obter informações confiáveis sobre os processos migratórios, mas ainda assim, a migração é um componente que pode influir na estrutura, dinâmica e tamanho da população. Ressalta-se, ainda, que a migração é um fenômeno essencialmente social, e que é determinado pela estrutura cultural, social e econômica da região em que ocorre (WELTI, 1998, *apud* CERQUEIRA E GIVISIEZ, 2004).

A tabela a seguir mostra os movimentos emigratórios de Aldeia Velha estimados por um método indireto de inferência a partir dos dados da população fornecidos pelo SIASI. Consideram-se como emigrantes as pessoas que desapareceram da base de dados, das quais não constam registros de morte no ano anterior à sua desaparecimento da

base. Em outras palavras, a partir dos dados de estoque e os dados de mortalidade, este estudo supõe que emigraram as pessoas que não morreram.

Tabela 3 sobre a emigração de Aldeia Velha entre 2000 e 2010

Grupo Etário	Mulheres	Homens	Total
0 a 4	2	1	3
5 a 9	1	5	6
10 a 14	3	2	5
15 a 19	5	0	5
20 a 24	2	6	8
25 a 29	2	9	11
30 a 34	1	3	4
35 a 39	0	0	0
40 a 44	1	1	2
45 a 49	4	2	6
50 a 54	4	0	4
55 a 59	1	0	1
60 a 64	0	1	1
65 a 69	2	1	3
70 +	1	4	5
Total	29	35	64

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

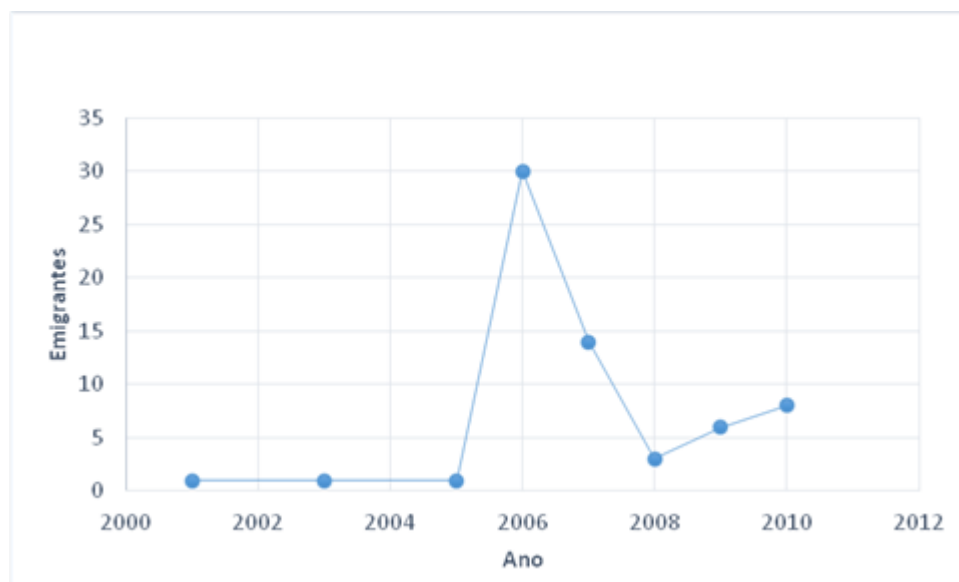
A tabela 3 mostra a minha estimativa do movimento emigratório de Aldeia Velha por sexo e grupos etários. Através dessa tabela pode-se notar que o grupo etário no que houve mais emigração foi o de 25 a 29 anos, sendo em maior quantidade os homens tanto para esse grupo como para o total. Nota-se também que 14 crianças dos grupos etários de 0 a 14 anos provavelmente emigraram com seus pais.

Em um diálogo com Ahnã Pataxó sobre a população de Aldeia Velha, ela relata e cita alguns exemplos de muitos jovens solteiros que vão embora da aldeia e alguns anos depois voltam para comunidade, alguns voltam solteiros, e outros já com outra família formada. Recordo-me aqui de dois casos semelhantes onde dois jovens que saíram da aldeia e anos depois retornaram já casados e com um filho cada, ambos foram morar na casa dos pais na aldeia. Também em outro caso, uma jovem solteira que foi morar fora da aldeia, recentemente retornou casada e construiu uma casa na aldeia. Isso explica um pouco a dinâmica migratória de Aldeia Velha e como a mesma também implica no crescimento populacional pelos que retornam com novos parentes.

O próximo gráfico mostra a estimativa do total da movimentação emigratória por ano no período 2000 a 2010. A partir desse gráfico é possível identificar que

possivelmente houve um número muito grande de emigrantes no ano de 2006, isso explica talvez o declive da população do ano 2005 para 2006, conforme visto e apontado no gráfico 1.

Gráfico 2 Movimentos emigratório entre 2000 a 2010, a partir da tabela 3.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

Nessa época duas grandes famílias que participaram da retomada saíram da aldeia por conta dos conflitos e desentendimentos com o cacique Ipê naquela ocasião. A família da Adelaide foi morar no bairro de Arraial D'ajuda e a família da Amélia foi morar na aldeia Pataxó de Imbiriba. Em meados do ano 2010 a família da Amélia retornou para Aldeia Velha, ela como já estava avançada em idade morreu em 2017. Em 2016, uma grande parcela da família de Adelaide também retornou para aldeia, ocupando então a parte da reserva que fica ao oeste da aldeia.

É notório até aqui, que houve uma intensa movimentação migratória, que se deu em maior escala no período de 1998 a 2000 por meio de imigrantes, ou seja, vieram morar na aldeia os parentes das famílias que participaram da retomada. E que logo depois no período de 2000 a 2010 se deu uma tendência das pessoas solteiras emigrarem, para depois voltar com famílias já constituídas. No período 1998 a 2000, as famílias recém chegadas, recebiam terrenos na parte central da aldeia, na rua D e E conforme o mapa 2, sendo fácil identificar os primeiros moradores. Após ocupação total nessa área central, os demais imigrantes que chegaram mais tarde, alguns dos quais eram retornados, iam se aglomerando na parte da rua H do mapa 2.

O movimento migratório ainda é persistente até os dias atuais, porém, não tão intensamente quanto ao período de 1998 a 2000, inclusive, muitos dos moradores mais recentes estão localizados na área da rua G do mapa 2. A própria família da Amélia quando retornou para aldeia foi residir nesse local, e a família da Adelaide já está se mudando da reserva para esse mesmo lugar. Essa parte da aldeia foi separada para abrigar as futuras famílias jovens que seriam formadas pelos adolescentes que estavam crescendo, sobre esse assunto, darei mais detalhes no capítulo sobre Impactos. Entretanto, posso dizer que aquela área destinada aos jovens da aldeia que brevemente se casariam, não serviu apenas para isso, pois está sendo também uma grande porta de entrada para os imigrantes. Atualmente não temos estatísticas sobre imigração, sendo que futura pesquisas poderiam contribuir muito para criar estimativas e análises sobre essa variável.

3.5.2 Extrapolação do crescimento populacional no período 2010-2020

As tabelas 4 e 5 a seguir apresenta-se a população de 2000 e 2010 respectivamente. É notório que em quase todos os grupos etários tem a predominância do sexo masculino, tanto no começo do período (ano 2000), quanto no final (2010). Pode-se concluir então, que apesar de morrerem mais homens, ainda assim, a quantidade de homens continua acima da quantidade de mulheres tanto no ano 2000 quanto no ano 2010, para quase todas as faixas etárias. Isto pode-se explicar porque, por um lado, nascem mais homens do que mulheres, e por outro lado, porque possivelmente uma grande parcela dos imigrantes é do sexo masculino. Nota-se também que em 2000 no grupo etário de 0 a 4 anos há mais homens do que mulheres. Já no ano 2010, para o mesmo grupo etário essa tendência muda, havendo mais mulheres do que homens. Dois fatores poderiam explicar essa situação infrequente nas populações humanas, por um lado pode ter sub-registro das crianças do sexo masculino, ou, por outro lado pode ser um efeito da migração.

Tabela 4 – População de Aldeia Velha por sexo e grupo de idade, 2000

Grupo Etário	Mulheres	Homens	Total	Razão de sexo
0 a 4	51	66	117	1,29
5 a 9	46	56	102	1,22
10 a 14	45	57	102	1,27
15 a 19	40	53	93	1,33
20 a 24	45	45	90	1,00
25 a 29	29	39	68	1,34
30 a 34	20	28	48	1,40
35 a 39	14	14	28	1,00
40 a 44	14	11	25	0,79
45 a 49	12	10	22	0,83
50 a 54	8	7	15	0,88
55 a 59	4	8	12	2,00
60 a 64	4	6	10	1,50
65 a 69	2	3	5	1,50
70 +	3	6	9	2,00
Total	337	409	746	1,21

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

Tabela 5 – População de Aldeia Velha por sexo e grupo de idade, 2010

Grupo Etário	Mulheres	Homens	Total	Razão de sexo
0 a 4	56	53	109	0,95
5 a 9	64	80	144	1,25
10 a 14	51	62	113	1,22
15 a 19	42	53	95	1,26
20 a 24	40	56	96	1,40
25 a 29	39	46	85	1,18
30 a 34	42	39	81	0,93
35 a 39	28	37	65	1,32
40 a 44	20	26	46	1,30

45 a 49	10	12	22	1,20
50 a 54	8	9	17	1,13
55 a 59	11	10	21	0,91
60 a 64	7	6	13	0,86
65 a 69	3	7	10	2,33
70 +	6	8	14	1,33
Total	427	504	931	1,18

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

A seguinte tabela indica a taxa de crescimento da população entre 2000 e 2010. Através dessa taxa foram feitas as extrapolações da população por sexo e grupo etário para os anos 2015 e 2020 sendo usado cálculo de crescimento exponencial e tendo como população inicial o ano 2000.

Tabela 6 – Taxa de crescimento médio anual da população entre 2000 e 2010

Grupo Etário	F	M	Total
0 a 4	0,9353	-2,194	-0,708
5 a 9	3,3024	3,5667	3,4484
10 a 14	1,2516	0,8408	1,0242
15 a 19	0,4879	0	0,2128
20 a 24	-1,178	2,1869	0,6454
25 a 29	2,9627	1,6508	2,2314
30 a 34	7,4194	3,3136	5,2325
35 a 39	6,9315	9,7186	8,4218
40 a 44	3,5667	8,602	6,0977
45 a 49	-1,823	1,8232	0
50 a 54	0	2,5131	1,2516
55 a 59	10,116	2,2314	5,5962
60 a 64	5,5962	0	2,6236
65 a 69	4,0547	8,473	6,9315
70 +	6,9315	2,8768	4,4183
Total	2,367	2,0886	2,2153

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

As seguintes tabelas 7 e 8 apresenta-se a população projetada para 2015 e 2020 respectivamente. Pode-se observar que para a faixa etária de 0 a 4 continua tendência de ter mais mulheres do que homens, de forma semelhante a tabela 5

referente ao ano 2010. Essa tendência reflete mais uma limitação do cálculo, do que a dinâmica da população de Aldeia Velha. Sendo que, o cálculo partiu de uma base de dados que tem problemas de sub-registro, e além disso, não considera a variação das componentes da dinâmica demográfica, isto é, fecundidade, mortalidade e migração. Futuras pesquisas poderiam desenvolver métodos mais acurados de projeção, que superem esses problemas do cálculo de extrapolação.

Tabela 7 – População de Aldeia Velha por sexo e grupo de idade, 2015

Grupo Etário	Mulheres	Homens	Total
0 a 4	59	47	106
5 a 9	75	96	171
10 a 14	54	65	119
15 a 19	43	53	96
20 a 24	38	62	100
25 a 29	45	50	95
30 a 34	61	46	107
35 a 39	40	60	100
40 a 44	24	40	64
45 a 49	9	13	22
50 a 54	8	10	18
55 a 59	18	11	29
60 a 64	9	6	15
65 a 69	4	11	14
70 +	8	9	18
Total	496	580	1075

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

Tabela 8 – População de Aldeia Velha por sexo e grupo de idade, 2020

Grupo Etário	Mulheres	Homens	Total
0 a 4	61	43	104
5 a 9	89	114	203
10 a 14	58	67	125
15 a 19	44	53	97
20 a 24	36	70	105
25 a 29	52	54	107
30 a 34	88	54	143
35 a 39	56	98	154
40 a 44	29	61	90
45 a 49	8	14	23
50 a 54	8	12	20
55 a 59	30	13	43

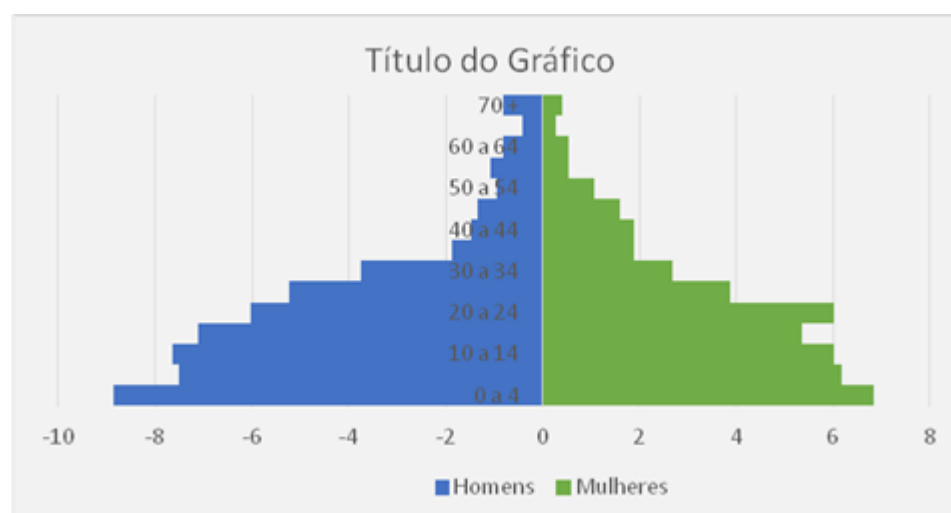
60 a 64	12	6	18
65 a 69	5	16	21
70 +	12	11	23
Total	589	686	1275

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

A pirâmide etária revela informações de uma população por estrutura etária e sexo, ela é formada por um gráfico de barras horizontais, no qual o eixo horizontal representa a quantidade da população e o eixo vertical representa os grupos etários, tendo os grupos etários mais jovens em sua base. Através deste gráfico bastante explicativo é possível concluir, através de uma breve observação, se a população estudada representa uma estrutura etária jovem ou envelhecida. Quando uma pirâmide etária de base larga e estreita na parte superior indica uma população jovem e na medida em que a fecundidade declina, os nascimentos se reduzem e a base da pirâmide vai se estreitando, tendendo ao formato retangular, característico de uma população envelhecida (CERQUEIRA E GIVISIEZ, 2004).

Os seguintes gráficos apresentam-se pirâmides etárias do ano 2000 e 2010 feitas a partir das tabelas 4 e 5 respectivamente.

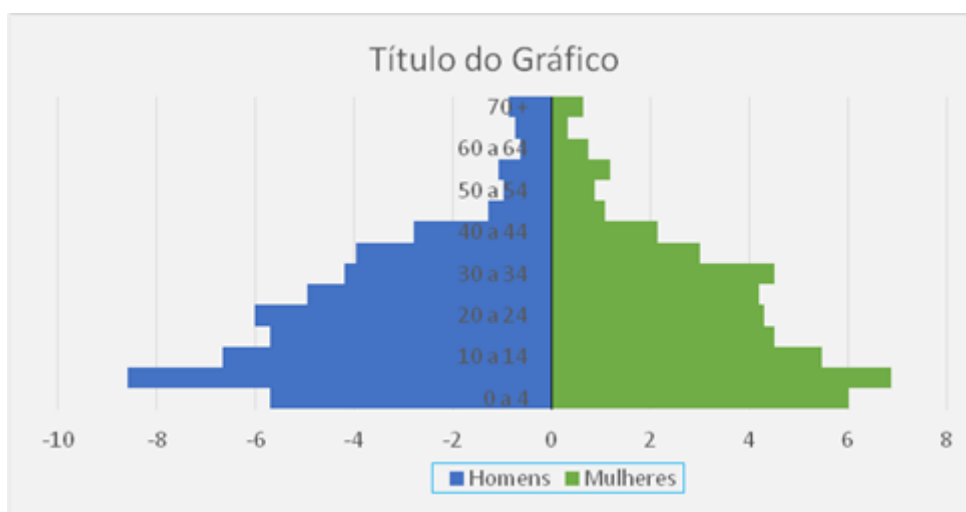
Gráfico 3 – Pirâmide etária da população de Aldeia Velha, 2000



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

Analisando o gráfico 3 é possível notar que Aldeia Velha no ano 2000 tem uma população preponderantemente jovem, sendo concentrado a maior parte da população no grupo etário de 0 a 4 anos.

Gráfico 4 – Pirâmide etária da população de Aldeia Velha, 2010



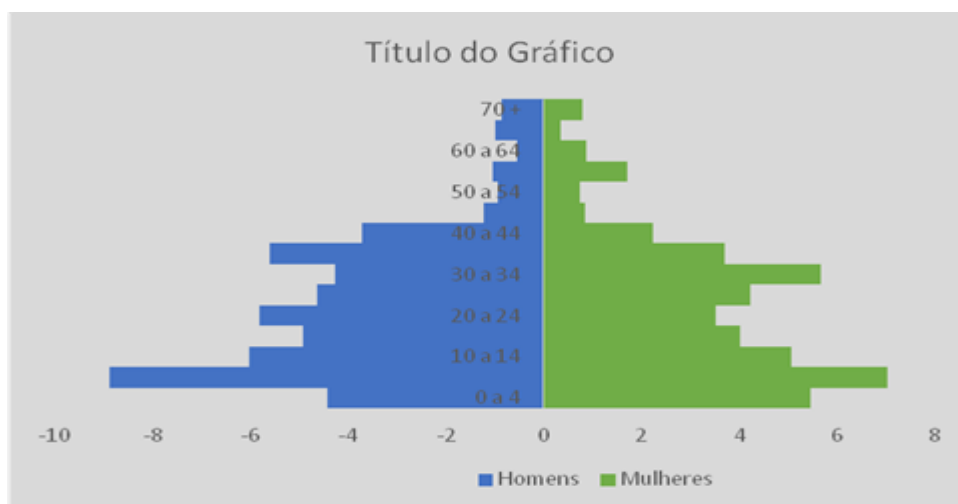
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

O gráfico 4 com dados de 2010 apresenta uma diminuição da população da faixa etária de 0 a 4 anos em relação ao gráfico 3, isso indica que possivelmente houve erro de sub-registro, e/ou, que com o processo de emigração, provavelmente, as mulheres tiveram seus filhos fora da aldeia.

O povo Pataxó vem perdendo aos poucos essa característica dos casais terem muitos filhos, isso já é observável em Aldeia Velha. A população para o ano 2010 ainda é jovem, pois apresenta uma base larga a partir dos próximos grupos etários de 5 a 9 anos e que vai se estreitando para os demais grupos etários acima.

Os seguintes gráficos apresentam-se pirâmides etárias do ano 2015 e 2020 feitas a partir das extrapolações que aparecem nas tabelas 7 e 8 respectivamente.

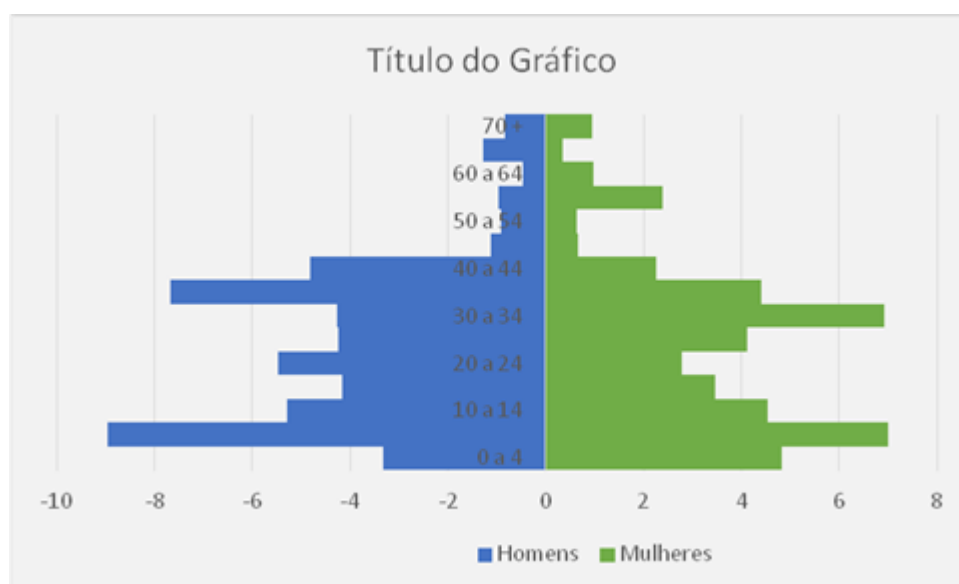
Gráfico 5 – Pirâmide etária da população de Aldeia Velha, 2015



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

O gráfico 5 indica que a população de Aldeia Velha continua jovem, mas pelas limitações do cálculo, a faixa etária de 0 a 4 continua diminuindo, não por uma possível queda da fecundidade, mas pelos problemas de registros e migração descritos para o gráfico anterior.

Gráfico 6 – Pirâmide etária da população de Aldeia Velha, 2020



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SIASI (2016).

O gráfico 6, mostra um formato estranho para uma população. Este formato deve-se a que a população inicial, da qual partiu a extrapolação, pode ter erros de registro, e além disso é uma população que se originou de amplos movimentos migratórios. Os quais, apesar de mudar de intensidade, continuam até hoje e constituem o principal desafio para a comunidade de Aldeia Velha nos próximos anos. Pode se observar no gráfico que o grupo etário de 0 a 4 anos, principalmente na parte dos homens diminuiu mais ainda comparado aos gráficos anteriores. O grupo etário de 5 a 9 anos permanece praticamente na mesma proporção em todas pirâmides desde a população do ano 2000 até a extrapolação da população para o ano 2020. Porém nesse último gráfico é possível visualizar de forma mais acentuada um grande crescimento nos grupos etários de 35 a 39 anos para os homens, de 30 a 34 anos para as mulheres e de 55 a 59 anos também para as mulheres.

4. Impactos

O território indígena Pataxó Aldeia Velha está sempre passando por constantes modificações, considero dessa forma, como motivo principal, o crescimento populacional dessa aldeia, porque se determinada comunidade não cresce, julgo também, que as transformações estruturais no território, como aumento do espaço escolar e da quantidade de casas, serão quase inexistentes. Segundo (CERQUEIRA E GIVISIEZ, 2004 p. 30), o exame da dinâmica demográfica brasileira das últimas décadas revela importantes transformações, com fortes impactos nas demandas por serviços públicos, principalmente na área da educação. Acredito que, da mesma forma, acontecem e sentimos determinados impactos na Aldeia Velha devido ao crescimento e a dinâmica populacional. Esse crescimento implica não somente nas questões escolares e territoriais como nas questões culturais também; nesse sentido, irei apontar em seguida, também com base nos depoimentos de Buriti e Ipê, assim como a minha própria memória autobiográfica, alguns impactos causados pelo crescimento populacional de Aldeia Velha no período de 1998 a 2016.

Nos anos iniciais de existência da aldeia pós retomada, a coletividade em relação a cultura era mais forte e impactante do que atualmente. Digo isso, no sentido de que todos participavam das atividades culturais da aldeia, diferentemente de hoje, que nem todos se envolvem com a questão cultural, mas estranha e felizmente isso não interfere diretamente na continuidade e preservação dos costumes tradicionais. Pelo contrário, nossa cultura Pataxó permanece firme em todos aspectos, como na pintura, nos artesanatos, nos cantos, nas danças, festas e rituais. Porém, reitero que o crescimento populacional interfere indiretamente no quesito cultura, no que diz respeito ao envolvimento de toda comunidade na parte cultural. Vale lembrar que as primeiras famílias da aldeia tinham suas casas aglomeradas na parte central da aldeia, sendo mais comum nessa época a relação de trocas de alimentos entre famílias, além da união de todos, principalmente em mutirões para realização da construção da casa tradicional⁵ para abrigar futuras famílias. Essa união mais presente nessa época, pode ser explicada por conta das primeiras famílias conviverem próximas umas das outras, pelo fato da quantidade de pessoas ser menor e estarem limitados em determinado espaço do território. Exemplo disso é que quando o cacique ou alguma liderança soava

⁵ As casas eram feitas de barro e com madeiras e cipó tirados da mata.

o maracá no centro cultural⁶ da aldeia, todos ouviam o som e no mesmo instante toda comunidade, de crianças ao mais velhos se reuniam para fazerem o awê⁷.

A partir desse período de grande crescimento da população de Aldeia Velha, os impactos em relação ao território foram se desencadeando, no decorrer desse crescimento. Os primeiros impactos notados foram a respeito da água, energia e moradia. Isso fica explícito na fala do Buriti:

“Olha! de minha parte o que eu considero que foi realmente impactos que foram causados, é tendo por causa o crescimento assim praticamente desordenado do número de pessoas é que dificultou os trabalhos pra liderança, digamos assim, o sistema de abastecimento de água, moradias, muita gente teve que entrar na mata pra tirar madeiras pra construir casas de taipa, é uma coisa que a gente sempre lutou pelo o não desmatamento, mas não teve jeito, assim, uma vez que cresceu muito rápido o número de moradores dificultou essa parte de moradia, dificultou a parte de abastecimento de água, dificultou a parte também de energia elétrica, energia aqui na aldeia era precária, o sistema de energia aqui na aldeia era bem precária.” (Excerto da entrevista realizada com Buriti, 2017)

A água era distribuída nas casas através do bombeamento da água advinda da nascente principal da aldeia. Por conta do crescimento populacional da aldeia, era cada vez mais comum a bomba d'água dar defeito. É lógico que uma bomba d'água possa dar defeito por qualquer outro motivo, mas atribuo os defeitos constantes pela mesma lógica de que uma bomba com capacidade para distribuir água para 50 casas, por exemplo, passe agora em um período curto a distribuir água para 100 casas. Logicamente que os defeitos seriam advindos do excesso de sobrecarga além do suportado por uma bomba d'água, prova disso, é que nas reuniões comunitárias o Cacique Ipê na época, dizia que a bomba d'água não ia parar de dar defeito, pois a comunidade tinha crescido muito rápido e para acabar com esses problemas, era necessário obter uma nova bomba com capacidade maior de distribuição, pois consertá-la sempre que dava defeito não estava sendo a solução correta. Com isso, os moradores ficavam sem receber água em suas casas até que a bomba fosse consertada, até então, a única alternativa de todas as famílias era dirigir-se diretamente à nascente principal da aldeia para tomar banho, lavar roupas, lavar pratos e buscar pequenas quantidades de água, levando às suas casas para consumo próprio.

⁶ Primeiro centro cultural da aldeia após retomada, era localizado próximo a farinheira da aldeia.

⁷ O Awê ou Toré é um dos rituais realizados com mais frequência pelo povo Pataxó, e consiste numa reunião em torno de cantos e danças, na busca da união e de forças positivas para a aldeia. (Monografia VIEIRA, 2016, p.18)



Figura 5: primeira fonte de abastecimento de água na parte da sede de Aldeia Velha (Foto do autor, 2016)

Segundo o Buriti a energia era fornecida através de gambiarra, pois tinham instalação de energia somente até a farinheira, e não tinham postes distribuídos pela aldeia. Era constante também ter quedas de energia na comunidade, devido à grande quantidade de instalações não adequadas e com pouca estrutura para fornecer energia para uma quantidade maior de casas. Sempre quando isso acontecia, as crianças aproveitavam do momento para se divertir com as brincadeiras tradicionais em noites claras, além de se reunirem ao redor de uma fogueira para dançarem e ouvir as histórias dos mais velhos.

Para amenizar os problemas de abastecimento de água nos anos iniciais da aldeia pós-retomada, através do projeto da FUNAI/FUNASA, foi escavado um poço artesiano atrás do posto de saúde da aldeia e implementado um reservatório de 10 mil litros. Porém, devido ao aumento da população foi necessário obter um reservatório maior, e com apoio da Funasa novamente, foi inaugurado em 2008 esse novo reservatório de 30 mil litros que abastece toda a comunidade atualmente. No ano 2006, o problema das quedas de energia foi eliminado com a chegada do programa luz para todos do Governo Federal, mas agora, todos deveriam pagar mensalmente pelo consumo de energia. Podemos destacar até então alguns impactos positivos e negativos, em relação a água, considero positiva a ida das famílias para nascente na falta de água em suas casas, pois essa situação estreitava os laços de união e solidariedade entre as famílias e maior atenção voltada a limpeza e preservação das nascentes. Após escavação do poço artesiano ressaltou ponto positivo por terem água distribuída em todas as casas, sem falta, mas ao mesmo tempo se torna negativo por

não precisarem usar as nascentes, deixando de certa forma, as nascentes abandonadas. Digo isso com propriedade, pois, através da disciplina Usos do Território, aplicada no terceiro módulo no curso FIEI – MATEMÁTICA pelo professor Charles Cunha, foi proposto pelo mesmo, ser realizado um projeto de intervenção em cada aldeia representada por aluno da turma, e o projeto escolhido por mim e meu colega de classe, Ronald Goivado dos Santos, também residente de Aldeia Velha naquele momento, foi sobre a limpeza e preservação das primeiras fontes de abastecimento de água na Aldeia Velha. Nosso projeto foi realizado com os alunos da escola, levamos alguns deles na principal fonte de abastecimento de água que era usada no início da trajetória histórica de Aldeia Velha após retomada do território e ficamos surpresos ao ouvir alguns relatos dos alunos, pois muitos não conheciam aquela nascente e nem sequer sabiam da história, isso nos mostrou que não só a nascente estava sendo esquecida, mas juntamente com ela uma história de luta e resistência dos primeiros moradores da aldeia.



Figura 6: Atrás do posto de saúde atual se encontra a direita da imagem o reservatório de água de 10 mil litros e a esquerda se encontra o reservatório de 30 mil litros. (Foto de Aline Pataxó, 2016)

A respeito da energia elétrica, posso destacar como ponto positivo os benefícios para uma rotina mais cômoda nos lares, como o entretenimento do rádio, da TV e da própria internet. Entretanto considero um fator plenamente negativo, o fato das atividades tradicionais noturnas como o luau⁸, o awê, as rodas de conversas com os

⁸ O luau acontece geralmente ao redor de uma fogueira em noites de lua cheia com a presença dos mais velhos repassando seus conhecimentos para os mais jovens. Nessa atividade cultural, que é na

mais velhos, dentre outras atividades culturais, não serem mais tão comuns e frequentes como eram antes, sem o advento do programa do governo federal luz para todos.

Como dito no início, o território passa por transformações ao longo do tempo, devido ao crescimento populacional da comunidade. Outra característica marcante que foi sendo modificada com o tempo, foram as casas de Aldeia Velha, todas as casas eram feitas tradicionalmente de barro, madeiras e cipós. Para esse tipo de casa era necessária muita madeira para deixá-la pronta, mas o impacto sobre as matas devido a retirada de madeiras, era bem pouco, por conta do número pequeno de famílias para construírem essas casas tradicionais. Porém, no decorrer do crescimento populacional, houve maior impacto nas matas, pela demanda de maior quantidade de madeiras para construções de casas tradicionais em maior escala. Preocupados com essa questão do desmatamento, o cacique e lideranças da aldeia, se empenharam na busca do benefício do governo federal pelo programa de construções de casas populares nas aldeias indígenas e, finalmente, em 2010 a aldeia foi contemplada com 120 casas de modelo padrão convencional não indígena. Após esse caso, o desmatamento foi amenizado e atualmente é escasso a quantidade de casas construídas no modelo tradicional, pois, a maioria opta por construir casa de lajota, areia e cimento, que são mais duradouras e, de certa forma contribuem para o não desmatamento.



Figura 7: Modelo da casa tradicional (frente) e modelo da casa atual (atrás) (Foto de Aline Pataxó, 2016).

maioria das vezes promovida pela escola, enquanto é contado as histórias antigas pelos mais velhos todos se saciam com alimentos típicos Pataxó.

Quero ressaltar outro impacto interessante provocado pelo crescimento populacional. O cacique Ipê, juntamente com suas lideranças, observaram atentamente como a comunidade estava crescendo muito rápido e que a aldeia estava com um número muito grande de jovens e adolescentes. Esses jovens, seriam portanto, as futuras gerações da aldeia, pois os mesmos brevemente formariam novas famílias. Pensando nisso, no início de 2008 separaram uma área de pouca vegetação na aldeia e dividiram vários lotes no tamanho de 10m x 25m para todos os jovens de 15 a 20 anos de idade. É possível perceber que os terrenos das primeiras famílias da aldeia são bem maiores que esses que foram distribuídos nesse momento, a respeito disso Buriti diz:

“É, na verdade, quando foi distribuídos os terrenos para as primeiras famílias que chegaram aqui, a terra por ser uma terra bastante com tamanho razoável que tinha condição de ter um terreno maior, mas a maneira que foi chegando mais pessoas e como eu falei a pouco as pessoas foram também é... as famílias se reproduzindo assim no caso, subdividindo, famílias que iam subdividindo através de casamentos de filhos ou mesmo parentes que chegavam pra morar, então a gente pra não afetar, não ter necessidade de entrar nas reservas na mata, nas áreas de preservação, aí sim a gente teve que criar esse sistema de dividir os terrenos de alguém que já era dono de terrenos de tamanhos maiores, é... e dividir que pudesse um terreno que tava sendo um só dono, passou a ser dono como que diz assim pra construir casa pra duas ou três famílias no caso que fosse da mesma família, é... essa foi o motivo de ter criado essa diminuição das áreas de cada terreno, de cada lote que assim se todo mundo até o momento se a gente fosse dar lotes grandes para as pessoas, aí a aldeia não ia suportar, não tinha como, e como diminuiu o tamanho dos lotes aí teve uma, facilitou um pouco mais pra suportar o total de pessoas e de famílias que foi chegando e como aumentou a gente ver que atualmente nós já temos um número bastante avançado de famílias, por isso foi que a gente teve que diminuir o tamanho dos terrenos pra pudesse acomodar todo mundo.” (Excerto da entrevista realizada com Buriti, 2017)

Ainda no ano após a retomada em 1998, deu-se início a instituição escolar da comunidade Aldeia Velha, justamente na cabana da reserva da aldeia, na qual os anciões ministravam palestras para as crianças passando seus conhecimentos tradicionais e suas experiências de vida. O espaço utilizado era comunitário, por isso além das aulas, eram feitos o awê, reuniões e atendimento médico na reserva. Somente no início de 1999 que a prefeitura contrata uma professora (Alzenir) não indígena para lecionar com uma turma multiseriada de 1ª a 4ª série com 20 alunos das famílias recém-aldeadas. No início do ano 2000 as aulas passaram acontecer na sede da aldeia na casa do Cacique Ipê, pois a população se mudou da reserva para este local, na qual chamamos também de parte alta da aldeia. No ano seguinte, 2001, após três meses de aula na casa do cacique, a escola passou a funcionar no galpão da farinha da comunidade, pois o espaço na casa do cacique estava ficando pequeno

devido ao aumento de alunos. Em 2002, finalmente a escola passou a ter três professores indígenas da comunidade, sendo esses os pioneiros na educação escolar indígena diferenciada na Aldeia Velha. Em 2003 a escola já tinha aproximadamente 75 alunos e funcionou no espaço da farinha até o final desse ano. (Monografia de Santos, 2018).



Figura 8: Cabana da Reserva de Aldeia Velha, local onde funcionou a escola no ano de 1998 e 1999. (Foto da Professora Alzenir, 1999)



Figura 9: Farinheira de Aldeia Velha, local onde a escola funcionou de 2001 a 2003. (Foto da Professora Marialva, 2002)

É possível notar a dinâmica populacional com relação a trajetória escolar de Aldeia Velha desde o início da mesma, os desafios estavam apenas começando e ao longo dos anos, muitas transformações aconteceram. A escola, comunidade e território entrelaçados num mesmo rumo de avanços ou até mesmo impactos causados pelo crescimento da população.

Em 2004 a escola passa a ser num local construído com recurso da FUNAI e a mão de obra do professor Puhuy Akuã (meu pai) em parceria com o cacique e vice cacique na época. Foi feita uma sala, dois banheiros e uma mini cozinha. Já em 2005 a escola foi ampliada pela prefeitura de Porto Seguro e reformada pelo Estado, nesse mesmo ano a escola já tinha 100 alunos. Em 2006 aumentou o quadro de professores com a entrada inclusive do primeiro professor (Raywã) da Língua do povo Pataxó (patxohã). Em 2007 a luta por um espaço maior ainda era constante pela demanda do aumento da quantidade de alunos e nesse mesmo ano a escola deixa de fazer parte do núcleo do Arraial D'ajuda, tornando de fato uma escola indígena independente. (Monografia de Santos, 2018).



Figura 10: No final de 2004, a escola passou a funcionar nesse local. (Foto da professora Marialva, 2004)



Figura 11: Ampliação da escola em 2005, local onde a escola funcionou até 2008. (Foto da professora Marialva, 2005)

A escola desde sua fundação passou por modificações não só estruturais mais também espaciais, pois sua história está centrada justamente nessas mudanças de estrutura e lugar, visando sempre a melhoria e comodidade para os alunos que a cada ano multiplicara sua quantidade e, devido a isso impulsavam a todos na linha de frente da educação indígena como professores e lideranças, em busca de uma escola cada vez mais digna para todos.

Em 2008 começou a construção de uma escola mais ampla na gestão do Prefeito Jânio Natal e terminada no ano seguinte na gestão do Prefeito Gilberto Abade. Em 2009 ainda foi construída uma biblioteca e uma sala de aula pela empresária Sandra Habib em parceria com a Associação mulheres em ação. Nesse mesmo ano a escola passou a funcionar nesse novo espaço antes mesmo da inauguração, pelo motivo que a escola anterior já não atendia a demanda do número de alunos matriculados por não haver salas suficientes para todos, então essa escola anterior passou a ser o ponto de cultura. Após a mudança para a escola atual, vale ressaltar que além do aumento de alunos o quadro de funcionários também aumentou naquele ano para 22 (Monografia de Santos, 2018).



Figura 12: Essa escola que funcionou até 2008, é atualmente o Ponto de Cultura de Aldeia Velha. (Foto de Gabriel Gomes Santos, 2016)



Figura 13: Local onde a escola passou a funcionar em 2009. (Foto da professora Marialva, 2009)



Figura 14: Escola foi ampliada em 2014, com mais quatro salas; realização Prefeitura Municipal de Porto Seguro (Lateral da Escola). (Foto de Ângelo Pataxó, 2015)

Segundo a secretaria da escola, o número de matrículas passou de 20 em 1999 para 259 em 2016, é possível observar que nesse período houve um crescimento de mais de 1000%. A comunidade ia crescendo e conseqüentemente o número de alunos, com isso, sempre houve a necessidade por maior espaço físico e as preocupações para manter firmes os costumes e tradições e as ligações entre comunidade e escola sendo cada vez mais frequentes. O crescimento populacional de Aldeia velha desde sua fundação contribuiu para essa dinâmica escolar, e a tendência é sempre surgir novos desafios de acordo com a demanda do crescimento populacional. Assim, tanto a escola como a comunidade caminham lado a lado desde o início. Toda essa dinâmica conjunta de ambas se deu em torno do território, ou seja, a dinâmica populacional de Aldeia Velha está ligada a esses três itens.



Figura 15: Escola atual de Aldeia Velha. (Foto de Ângelo Pataxó, 2015)

5. Considerações Finais

O estudo demográfico do território indígena Pataxó Aldeia Velha, possibilitou a compreensão melhor da sua evolução em muitos aspectos. Desde o início da sua história em 1998 até a presente data, são notórios o seu elevado crescimento populacional e as transformações territoriais. No tocante ao crescimento populacional da aldeia fica evidente que a imigração foi a variável determinante na qual desencadeou a maior parte do crescimento, principalmente no período de 1998 a 2000. Atualmente, e provavelmente nos próximos anos, a emigração, e ainda mais a imigração, podem constituir o principal desafio populacional que a nossa comunidade irá afrontar. As entrevistas feitas ao Ipê e ao Buriti foram fundamentais para termos essa conclusão.

Juntamente com a componente migração, a mortalidade também teve destaque nessa pesquisa através dos relatos autobiográficos mesclado aos dados do SIASI, porém houve a necessidade de maior aprofundamento na variável fecundidade, precisando ser estudado mais afincado em novas pesquisas. Isso permitiu o entendimento mais complexo da dinâmica demográfica de Aldeia Velha reunindo os dados quantitativos e a sua relação com as características históricas no sentido dos costumes e tradições da população.

Essa pesquisa apresentou os principais desafios enfrentados pela comunidade devido ao crescimento da população, revelando os impactos no que diz respeito as modificações estruturais da escola e do território enfrentadas ao longo do tempo. Considerando que para ter transformações no âmbito territorial é necessário haver crescimento populacional.

O exercício de extrapolação também foi relevante para se ter uma ideia da possível quantidade de habitantes para o ano 2020 na Aldeia Velha, além do mais, as pirâmides etárias mostram que a população inicial era mais jovem que a atual, indicando que a diminuição do número de crianças foi resultado da extrapolação. Entretanto, o aumento da população nas faixas etárias mais velhas, poderia ser explicado através do fenômeno de imigração, algo não documentado nessa pesquisa, por isso, é necessário que haja continuação nessa pesquisa com enfoque maior nesse quesito.

No entanto, os dados da SIASI são relevantes para analisar algumas variáveis que indicam o crescimento populacional, mas é necessário complementar aos dados, informações qualitativas como narrativas históricas que evidenciam a veracidade dos dados obtidos, não os deixando expressar por si só. Por isso destaco nessa pesquisa a combinação de informações para compreender melhor a dinâmica populacional de Aldeia Velha.

Por fim, concluo que é necessário realizar-se mais pesquisas relacionadas a demografia indígena Pataxó, pois as referências são escassas, e isto permitiria dar mais visibilidade a especificidade demográfica de cada aldeia. Portanto, tenho convicção que a particularidade e exclusividade desse trabalho possibilitará a realização de novas pesquisas demográficas para cada aldeia Pataxó.

6. Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. O método autobiográfico como produtor de sentidos: a invenção de si. **Revista Actualidades Pedagógicas** N.º 54 / Julio - diciembre 2009, p. 13-28.

BRASIL. **Constituição** (1998). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 512 p.

CARVALHO, Maria Rosário de. O monte pascoal, os índios pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 22, n. 57, Set./Dez. 2009, p. 507-521.

CERQUEIRA, C. A.; GIVISIEZ, G. H. N. Conceitos básicos em demografia e dinâmica demográfica brasileira. In: RIOS-NETO, Eduardo Luiz G.; RIANI, Juliana de Lucena. (Org.). **Introdução à demografia da educação**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2004, v. p. 15-44

CONCEIÇÃO, Natália Braz da. **Uma reflexão sobre variação linguística na língua patxôhã do povo Pataxó**. 2016. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.

CUNHA, S. T., et al. The use of medicinal plants by an indigenous Pataxó community in NE Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, 2012, vol. 14, no 1, p. 84-91.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUEDES, Maricéia Meirelles; SANTOS, Marialva Dias dos; ESPIRITO SANTO, Taiane Ferreira do. **Etnomapa da Comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha**. Arte: Rosarlete Meirelles. LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA/LINTER – IFBA PORTO SEGURO. Área de Habilitação: Ciências Humanas e Sociais. Disciplinas: Etnoarqueologia I - II / Módulos 6-7 / 2014-2015.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os Índios do Descobrimento: Tradição e Turismo**. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MAZZETI, C. M. S. **Estado Nutricional dos indígenas Pataxó de 5 aldeias de Minas Gerais**, Brasil. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde) – Escola de Enfermagem e Nutrição, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

Metodologia de estudo e de pesquisa em administração / Liane Carly Hermes Zanella. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES : UAB, 2009.

POGLIARO, Heloisa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura. Demografia dos povos indígenas no Brasil: um panorama crítico. **En Demografia dos povos indígenas no Brasil**. 2005 p. 11-32.

PARAÍSO, M.H.B. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanaxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni. Povos indígenas diferenciados ou Subgrupos de uma mesma Nação? Uma proposta de reflexão. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 4: 173-187, 1994.

PRESTON, Samuel; HEUVELINE, Patrick; GUILLOT, Michel. **Demography: measuring and modeling population processes**. 2000.

Santos, C., Alves, U., Hoefel, M. D. G. L., Hamann, E. M., Severo, D. O., & dos Santos, S. M. (2012). Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando o povo Pataxó da Bahia, Brasil. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, 6(1), 71-77.

SANTOS, Marialva Dias dos. **A educação escola indígena em aldeia velha: especificidade e evolução histórica**. 2018. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena-LINTER), Instituto Federal da Bahia IFBA, campus Porto Seguro, 2018. Habilitação Ciências Humanas.

SANTOS, Inaia Braz dos. **Experiências do parto tradicional na aldeia Pataxó Barra: saberes de velhas parteiras**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Habilitação em Matemática

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. Breve História da Presença Indígena no Extremo Sul Baiano e a Questão do Território Pataxó de Monte Pascoal. **Cadernos de História**, v. 5, n. 6, PUC-Minas, 2000. P. 31-46.

SOUSA, Maria da Conceição de; SCATENA, João Henrique g; SANTOS, Ricardo ventura. O Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI): criação, estrutura e funcionamento. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.23, v.4, abr, 2007, p.853-861.

VIEIRA, Vislandes Bonfim. **A importância do canto dentro do ritual do Awê**. 2016. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.

